



Cadernos eleitorais - Observando eleições em Moçambique, 2009-2024

Gábor Basch¹

RESUMO

Este artigo explora a trajetória pessoal e profissional de um antropólogo que participou de missões de observação eleitoral em diversos contextos africanos ao longo dos últimos 15 anos. Com base em experiências de campo em Gurulé (2009), Nampula (2014), Gaza (2019) e Zambézia (2024), o estudo apresenta a metodologia e o dia a dia das missões de observação eleitoral e reflete sobre os desafios e aprendizados decorrentes do envolvimento direto com processos eleitorais locais. Ao entrelaçar a observação etnográfica com a análise institucional, o artigo visa contribuir para uma compreensão mais profunda da atual crise social em Moçambique.

Palavras-chave: Moçambique, eleições, observação eleitoral, democracia, Frelimo, Venâncio Mondlane.

¹ Gábor Basch é doutor em Antropologia Social (PPGAS/UNICAMP) e faz estágio de pós-doutorado no mesmo departamento. Tem atuado como membro de Missões de Observação Eleitoral da União Europeia em Moçambique, Nigéria, Uganda, Etiópia, Zâmbia, Zimbábue, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Venezuela, Nicarágua, Equador, Paquistão, Nepal e São Tomé e Príncipe. Pesquisador do Grupo GEMA (Grupo de Estudos sobre Mediação e Alteridade). Email: gaborbasch@gmail.com.



Introdução

Em 2009, ainda como estudante de pós-graduação em antropologia social, tive a minha primeira oportunidade de participar de uma missão de observação eleitoral da União Europeia em Moçambique. Naquela altura, a minha Hungria natal ainda era uma democracia, não tão plena, mas com chances de vir a ser. Eu estava fazendo pesquisa de campo sobre transformações pós-socialistas na antiga Iugoslávia. Como tinha poucos interlocutores nas universidades brasileiras – em parte, porque a Iugoslávia era longe demais, em parte porque meu tema, principalmente o seu prefixo, era inaceitável em alguns círculos universitários – e muitos colegas, além do próprio orientador faziam pesquisa em Moçambique, abracei a oportunidade. Finalmente conseguiria interagir melhor com eles. Também tinha no horizonte a necessidade de conectar a experiência da Europa Oriental com os projetos socialistas e transformações pós-socialismos africanos, algo que naquela altura soava bastante heterodoxo. Mas as conexões estavam ali. No ano anterior, fizera um ano de pesquisa de campo em Maradik, um vilarejo de 2000 habitantes no norte da Sérvia. No outono de 2008 alguns dos meus interlocutores nomeariam suas bezerras de Lumumba, Kaunda, Mandela e Samora.² “Para lembrar os tempos de Tito” – diziam eles.³ Foi ainda organizando o material de campo colhido na Sérvia que embarquei para Maputo em Outubro de 2009. Iria assim “dos tempos de Tito” aos “tempos de Samora”, algo que ouviria inúmeras vezes como um dos principais marcadores temporais em Moçambique.

² Figuras bastante presentes no cotidiano da Iugoslávia Titoísta. Em janeiro de 1961, por exemplo, houve protestos massivos em Belgrado e Zagreb contra o assassinato de Patrice Lumumba, a embaixada de Bélgica foi invadida e saqueada. Em 1967 saíria *Pobedićemo* (*Venceremos*) de Dragutin Popović, o primeiro documentário sobre a FRELIMO e a luta de libertação, seguido de outros documentários como *Nachingwea* (1976) ou mesmo *O tempo dos leopardos* (*Vreme leoparda* em servo-croata) de 1985 por ocasião do décimo aniversário da independência e uma das primeiras longa-metragens moçambicanas coproduzida pela Iugoslávia e dirigida por Zdravko Velimirović. Sobre a cooperação cinematográfica entre Moçambique e a Iugoslávia Titoísta ver 1. Gray R. The Time of the Leopards: The End of Socialist Fictions and the Beginnings of the Docu-Drama, 1985–1991. In: *Cinemas of the Mozambican Revolution: Anti-Colonialism, Independence and Internationalism in Filmmaking, 1968–1991*. African Articulations. Boydell & Brewer; 2020:235-254 e Radina Vučetić, «We Shall Win: Yugoslav Film Cooperation with FRELIMO», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 118 | 2019, 131-150

³ Em Moçambique até os dias de hoje um dos principais marcadores temporais diz respeito aos “tempos de Samora”.



Neste artigo, inspirado em grande parte pelos diários de campo de Michel Cahen nas eleições moçambicanas de 1994,⁴ passo a reproduzir anotações dos meu próprio diário naquele que seria a minha primeira missão de observação eleitoral. É claro, os tempos são infinitamente diferentes. Em 1994 Moçambique celebraria as primeiras eleições democráticas, após a guerra civil entre a Frelimo e a Renamo. Era um período de esperança, a expectativa da comunidade internacional e dos próprios moçambicanos era uma nova transformação, uma democracia multipartidária, uma vida mais digna e melhor para todos.

Com o tempo, essa participação na missão de observação eleitoral em Moçambique se transformaria numa longa experiência de atuação profissional que mantive em paralelo à pós-graduação em antropologia. Em Moçambique tive a oportunidade de observar 4 eleições subsequentes: 2009, 2014, 2019 e 2024. A seguir, apresento as minhas impressões e anotações sobre estes processos eleitorais. Os relatórios oficiais apresentados nas quatro eleições aqui descritas podem ser acessados em <http://database.eueom.eu>; a opção aqui será de um relato mais pessoal e com menos tecnicismos eleitorais, com entradas reproduzidas ou reelaboradas a partir dos meus diários de campo. O objetivo é apresentar ao leitor uma ideia sobre eleições naquele pedaço do mundo, onde apesar de eleições periódicas e multipartidárias também fui me deparando com uma série de irregularidades – locais, regionais ou sistêmicas – que culminaram na onda de protestos a partir de outubro de 2024.

17 de outubro, 2009, Londres

Embarco para Londres já um pouco decepcionado, os 10 dias da missão de observação eleitoral em Moçambique, vão ser reduzidas para 5. Os 5 dias restantes será apenas para burocracias e formalidades. Teremos um *pre-deployment training* em Londres, para o qual o pré-requisito foi completar um curso online da ONU, ASITF ou *Advanced Security in the Field*. Na prova final tem até um exercício de reconhecimento de artefatos explosivos e minas terrestres. Julgando pelo curso e pela programação do

⁴ Michel Cahen, *Les bandits: un historien au Mozambique, 1994* (Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2002).



pre-deployment fico com a impressão de que estamos indo à uma zona de guerra. Será que eles sabem que Moçambique não está mais em guerra?

Chego no hotel no final da tarde, passo pelo escritório do SP (*Service Provider* – uma empresa contratada pela UE para tratar da logística dos observadores), sou recebido pela *Assistant Project Manager*. Temos que entregar os cartões de embarque, nosso certificado FTW (*Fit to Work*, demorei para decifrá-lo, é um atestado que certifica que estamos preparados para trabalhar em condições precárias e perigosas). Recebo a programação detalhada para os dois dias seguintes: uma sessão geral, contratos, finanças, administração etc. Uma apresentação sobre metodologia e as missões de observação eleitoral em geral, códigos de conduta, framework, implementação. Uma sessão sobre segurança em Moçambique, uma sobre perigos concretos (minas, protestos, possíveis focos de violência, sequestros, uma palestra sobre saúde com um médico formado na *London School of Hygiene & Tropical Medicine* e uma sessão teórica sobre equipamentos e uma capacitação prática sobre manejo de telefone satelital e GPS. Ainda terá um *briefing* de um ex-embaixador do Reino Unido em Moçambique e uma palestra sobre o contexto socioeconômico atual. Uma aula prática de primeiros socorros, e uma sessão para protocolos de evacuação e deslocamentos. Terminaremos com aulas sobre *risk managment*. Pergunto para a APM:

- *Moçambique ainda está em guerra?*

- *Não sei.* - Responde com uma risadinha, enquanto coloca meteticulosamente meus documentos numa pasta e coloca uma etiqueta com meu nome precedido de STO1301.

Vou dormir cedo para vencer o *jetlag* e parecer menos zumbi durante o tal do *pre-deployment training*. No café da manhã encontro a mesa com a placa MOE EU Mozambique 2009, (Missão de Observação Eleitoral – União Europeia). Não conheço ninguém, me apresento e me sento no meio de uma colega estoniana e um francês.

- *Já sabe qual vai ser seu AoR?*

- *Meu que? Desculpem é a minha primeira missão?*

- *Sua área de responsabilidade (Area of Responsibility)* - respondem em uníssono.



- Ah vou para o Gurué, na Zambézia.

Só queriam descobrir quem seria o privilegiado de ir a Inhambane e à Ilha de Moçambique.

- Lá é melhor? – pergunto

- Claro, tem as melhores praias.

Passo o resto do café da manhã ouvindo histórias de outras missões, fofocas da Comissão Europeia. Um pouco entediante.

No *pre-deployment training* as sessões sobre logística e segurança ficam a cargo de 2 ex-militares portugueses e um veterano da ONUMOZ,⁵ tenho a impressão que estão narrando cenas de *Apocalypse Now*. Acham que Moçambique ainda está em guerra, anoto no meu caderno. Teremos telefone satelital para emergências, cada deslocamento de carro terá que ser comunicado ao oficial de logística e segurança. Em vez de hotel, usam o termo base. Viagens serão denominados de movimentos, todo dia tem que mandar o plano para o dia seguinte, e esperar pela aprovação. Final de dia, temos que mandar SMS para a segurança, comunicando *safe at base*. Nada de positivo sobre Moçambique. Fico zozinho com a quantidade de acrônimos.

Somos 74 STOs (*Short Term Observers*) na sala. Só a sessão do médico da London School consegue levantar os ânimos, muitos perguntam sobre a necessidade ou não de tomar remédio profilático contra a malária, efeitos colaterais etc. Decido não tomar nada e confiar no repelente.

Embarcamos para Maputo à noite. No aeroporto, assim como no avião continua o *small talk* infinito sobre os nossos AoRs, fofocas, aventuras em missões passadas. No avião compartilho a fileira com dois portugueses, Miguel e João. Miguel, nasceu em Angola é filho de retornados, muda para o português sempre que pode. João, bem mais jovem, trabalha na Comissão Europeia em Bruxelas e fala inglês impecavelmente. Depois fico sabendo que João é da “máfia portuguesa do Barroso”,⁶ e é por isso que vai a Inhambane, onde estão as praias bonitas. O comentário é de Anders, sueco. Ele

⁵ Operação das Nações Unidas em Moçambique, missão de paz da ONU responsável por monitorar o cumprimento do Acordo de Rome, de 1992.

⁶ Durão Barroso, ex-primeiro-ministro português pelo Partido Social Democrata, naquela altura presidia a Comissão Europeia.



elogia meu português, pergunta de onde eu sou. Depois da surpresa limita-se a comentar: *Vai se sentir em casa, Moçambique é comunista, sem jeito.*

Chegando em Maputo fazemos check-in no Hotel Pestana, teremos toda a tarde livre antes dos *briefings* de amanhã. Um grupo grande fica à beira da piscina e continua na fofoca, uma outra turma sai para comer. Não quero mais ouvir fofocas de missão ou comentários bestas, junto-me à duas colegas do leste europeu, decidimos dar um passeio pela Baixa. Passamos pela praça da Independência e a estátua de Samora, Avenida Karl Marx, Avenida Lumumba, Eduardo Mondlane, Amílcar Cabral, Mao Tse Tung, Julius Nyerere. Damos uma volta gigante. Parece tudo familiar e distante ao mesmo tempo. Meus colegas do passeio assim como eu fomos crianças nos anos '80, fomos pioneiros de gravata vermelha, cantamos a internacional e entramos na adolescência com a queda do muro de Berlim. Assim como nossos avós e nossos pais celebraram o fim dos regimes fascistas e o fim da II Guerra Mundial, para depois serem vítimas de novos regimes autoritários, nós celebramos o fim dos mesmos na Europa Oriental. Claro, isto não significa que esteja tudo bem agora. Como será para os Moçambicanos? Será que vou ter alguma ideia observando as eleições?

No dia seguinte fica claro que não. Temos mais sessões de *briefing* sobre o sistema eleitoral, contexto político-partidário, chovem mais acrônimos. CNE, STAE, LTO, CT, LO. Aprendemos rapidamente que nós OCPs (é o mesmo que STO, ou seja, observadores de curto prazo) somos apenas preenchedores de formulários, nossos superiores no terreno, os LTOs (*Long Term Observers* ou ainda OLPs - Observadores de Longo Prazo) estão nas capitais provinciais há mais de 6 semanas. Que inveja! Só depois de três missões de STO que alguém pode virar LTO.

Fico sabendo que passaremos por mais um *briefing* uma vez “destacados” às nossas AoRs.⁷ Desta vez será com os LTOs, que vão nos informar sobre aspectos, eleitorais, políticos etc. regionais. Antes de chegar a nossa AoR passaremos duas noites em Quelimane com os LTOs. Chegaremos ao Gurué só no dia 25 de Outubro, dois dias

⁷ Destacado, destacamento em português outro termo emprestado do universo militar originando-se do francês *détachement*. Curioso observar que no contexto moçambicano o termo utilizando poderia ser o de “afetado”. No período socialista, em Moçambique as pessoas eram afetadas para trabalharem em determinados lugares, estudarem em cursos que nem sempre de sua preferência.



antes da jornada eleitoral. Dos mais de 10 dias no terreno, mais da metade seria de *briefings*, *small talk* e rodas de fofocas.

24 de Outubro (E-day minus 4, no linguajar da EOM)

Chegamos em Quelimane. Acho a cidade fascinante, prédios do período colonial bastante decadentes, a velha catedral (Igreja de Nossa Senhora do Livramento), a velha escola colonial, e no meio do centro o Hotel Chuabo, um gigante, todo em concreto. Poderia ser em qualquer cidadezinha da Europa Oriental, mas estou equivocado, não é construção socialista e sim portuguesa, concluída nos anos 1960. A discoteca e o restaurante só podiam ser frequentados por brancos e assimilados. A decoração interna é também intacta e bem preservada, tudo dos anos 60 e 70.

Temos um *briefing* com os LTOs, detalham a situação política. Para grande decepção da juventude mais urbana e educada as listas do MDM para a eleição legislativa e para a assembleia provincial foram rejeitadas pelas autoridades eleitorais. Somos quatro equipes de STOs para cobrir a província, minha colega Inés e eu em Gurué, uma equipa em Alto Molocué, um em Milange na fronteira com o Malawi e outros dois colegas em Pebane. Jantamos no Chuabo, e finalmente experimento o frango à Zambeziana (frango assado pincelado com leite de coco). Uma delícia. Nossos LTOs não gostam muito da província. Muita humidade, muito calor e sem praias bonitas. Pergunto sobre a guerra civil. Zambesia era da Renamo, certo? Explicam que sim, mas a Renamo está muito desorganizada. Muitos cargos da administração pública são ocupados por changanas do Sul de Moçambique. Há ressentimento, e desinteresse nas eleições. O ponto positivo é que a campanha foi mais pacífica e sem incidentes observados em eleições anteriores.

Dia 25 finalmente saímos rumo a Gurué com Inés. A estrada é bem precária, cheia de buracos. Inés tem uma mochila pequena cheia de guloseimas, balas, chocolates, chicletes espanhóis. Toda vez que paramos as distribui entre as crianças que se aproximam curiosos. Depois passa a fotografar, sempre focando na criança mais suja, de preferência com moscas dando volta ao redor dos rostos suados.

- *Eles merecem ser felizes* – diz quando pergunto do porquê de tanto doce.



- Acho que são felizes. Só precisam de um futuro.

E as moscas também vem para o meu rosto suado – penso sem verbalizar.

A única parada que me chama a atenção é um tanque de guerra abandonado no meio de uma aldeia minúscula em algum lugar entre Mocuba, Lugela e Ilé. Esqueço de anotar a localização exata. Os camponeses não sabem me dizer a história do tanque. Vieram depois da guerra. Nosso motorista interrompe a conversa, temos que chegar em Gurué antes do anoitecer, serão no total 8 horas na estrada. No caminho chamam a atenção as casas com chapas de zinco novas. “É a FRELIMO que anda distribuindo na campanha”, diz Ibraimo nosso jovem condutor. Não se interessa por política, “já sabemos que Guebuza vai ganhar”.



Foto 1 - Tanque abandonado da época da guerra. Foto do autor.

Chegamos em Gurué no final da tarde. Estaremos hospedados no Centro Polivalente Leão Dehon, operado por padres dahonianos italianos. No *compound* além de igreja, tem uma fileira de apartamentos para turistas, um outro edifício onde residem viúvos e viúvas vindos do norte da Itália. Trabalham na Escola de Artes e Ofícios, ensinando seus ofícios para a população local. Tem oficina de mecânica, marcenaria e costura. Certamente é mais útil que distribuir balas para crianças moçambicanas. No jantar



perguntamos aos padres sobre as eleições. Está mais calmo, parece que Guebuza vai ganhar. Ninguém parece muito disposto a falar sobre as eleições.

Além de nós tem um grupo grande de hóspedes sul-africanos, a maioria são bôeres, falam afrikaans entre eles. Um é português da África do Sul. Antes de dormir entro na rodinha para um pouco de *small talk*. Estão fazendo turismo, trekking, pesca e caça, mas também procurando oportunidades de investimento. O português está muito descontente, e é racista. Fala incessantemente destes “putos africanos”. Um outro, ao ver meu desconcerto explica: *he hates these commies*.

No dia seguinte começamos a explorar o distrito. Precisamos ter uma rota com centros de votação e MAVs a serem observadas (Mesa de Assembleia de Voto). Temos também o Manual para MMVs (Membros de Mesa de Voto). Espera-se que durante o dia eleitoral passemos por 10-15 centros de votação preenchendo um formulário para uma MAV em cada um dos centros. Gurué é absolutamente lindo. É bem mais fresco que Quelimane. Durante o dia subimos até a Casa dos noivos, antigo local hoje totalmente degradado, onde jovens casais passavam a lua de mel nos tempos coloniais. De lá dá para ver o vale inteiro, de um verde deslumbrante das plantações de chá. Aproveitamos o alto da montanha para fazer o teste do telefone satelital, há expectativa de não termos sinal de celular, ali vamos ter que comunicar os formulários do dia eleitoral via satélite. Espero que não seja preciso. O telefone satelital não é como nos filmes americanos, a voz vem com atraso e chiado, além de demorar quase 5 minutos até achar o sinal. Inés, já mais experiente que eu, explica que precisa alinhar com 3 satélites Iridium ao mesmo tempo. Ok.

Passamos também por uma das sedes das fábricas de chá, lá tem um grupo de trabalhadores que marcham pela cidade todos os dias há uma semana, exigindo seus salários atrasados. Explicam como Gurué e a Alta Zambézia foi um dos principais produtores de chá do mundo desde o tempo dos portugueses, mas também durante o tempo de Samora.

- *Está tudo caído e abandonado – diz um dos trabalhadores. Agora parece um bom momento para pressionarmos pelos salários, eles querem o voto, e nós os salários.*



- Dizem que há um novo investidor sul-africano, ou indiano. Vamos ver se melhora – diz outro rapaz
- E as eleições? – pergunto, O que esperam?
- Sorriem em silencio, balançando a cabeça.
- Nada.

Pela cidade só tem cartazes da Frelimo. Tanto na área rural como na cidade, as pessoas vestem capulanas da Frelimo. Tem dois modelos. Um com o símbolo da Frelimo do milho e o tambor, e outro com o rosto do presidente e candidato Guebuza. No carro escutamos a Rádio Moçambique. Só falam da Frelimo.

28 de Outubro – E-day

As 6 da manhã estamos a postos. Observamos a abertura, tudo parece bem. Material eleitoral completo, embora há notícias de atrasos de entrega em locais remotos acesso difícil. Há delegados da oposição (Renamo) e chegam os primeiros eleitores. Partimos para a seguinte Mesa de Assembleia de Voto, parece tudo bem. Parece. Ao longo do dia passamos por 12 MAVs, ficamos entre 30 e 45 minutos em cada mesa, está bastante calmo. Tenho dificuldade para preencher os formulários. “Estão cientes os eleitores dos procedimentos de votação?”, “estão presentes delegados de todos os partidos?”, “a configuração da mesa permite que os eleitores depositem seus boletins em secreto?”.

Quase não há eleitores, nem filas do lado de fora. A grande maioria está com cara de cansado, olhando desconfiadamente em volta. Na saída, a maioria junta-se a grupos que já votaram e estão observando a escola da sombra das árvores. Aproveito que Inés está com o formulário da vez, e me acerco a um dos grupos. No centro está um jovem, que é delegado da Frelimo. *Aqui fora somos a estrutura* – me explica. Está com uma lista longa de eleitores onde controla os que já vieram e os que ainda faltam por votar. A cada meia hora o delegado liga para os secretários de bairro, para que este procure pelos que ainda não vieram. Por sua vez, os chefes de bairro acionam os chefes de



quarteirão. Assim a estrutura garante que todos os membros da Frelimo venham a votar.

*[Lembro de uma cena da minha infância, devia ser 1985, estamos jogando bola na rua como todos os domingos, quando um carro para na frente do nosso prédio. Tocam em 3 apartamentos, um é o nosso, pois ouço a voz do meu pai no interfone. “Só para alertar os camaradas, você e sua esposa ainda não foram votar”. Meu pai agradece e assegura o camarada que já estão saindo...]*⁸

A partir dali passo a prestar atenção nos rostos dos escassos votantes que vão chegando às mesas. Há aqueles que chegam com total indiferença, até mesmo dá a impressão de cansaço. Outros chegam com sinais de nervosismo, olham em direção às árvores, onde estão os delegados de zona com as suas listas. Na entrada da MAV, erguem a mão a um dos escrutinadores, e estes procuram os rastros de tinta indelével para ter certeza que já não tenham votado. Depois apresentam sua carteira de eleitor ao secretário, este descarrega o nome no registro eleitoral. Em seguida ficam em posição de quase continência frente ao presidente de mesa, que explica como votar: colocar o polegar na almofada de tinta e marcar o candidato da sua preferência. Depois desaparecem atrás do biombo e saem com certo nervosismo dobrando as papeletas. No final recebem seu cartão de eleitor de volta, e o segundo escrutinador marca a unha do dedo indicador com a tinta indelével. Na saída, domina uma expressão de imenso cansaço misturado com alívio. Alguns se dirigem onde estão as árvores, para dar baixa naquelas listas também.

Nas mesas perguntamos aos delegados (fiscais) quais partidos eles representam. Geralmente só o da Frelimo responde em voz alta, os outros ficam em silêncio. Alguns são formalmente de partidos menores (ALIMO - Aliança Independente de Moçambique, PVM - Partido os Verdes de Moçambique, PAZS - Partido de Solidariedade e Liberdade, ADACD - Coligação Aliança Democrática de Antigos

⁸ As eleições na Hungria socialista eram apenas formais. O voto não era obrigatório, só “fortemente recomendado” (*erősen ajánlott*). A maioria dos distritos tinha apenas um candidato, alguns dois, sendo ambos da Frente Patriótica Popular (Hazafias népfront). Só a partir de 1985 candidatos independentes podiam participar e concorrer. De 352 distritos apenas em 71 tiveram candidatos independentes, não foi o caso do nosso, e meus pais não foram votar.



Combatentes). Os presidentes de mesa nos ajudam a identificar quais partidos são representados. Renamo e MDM tem delegados nas mesas mais urbanas, muitas MAVs apenas tem delegados da Frelimo. Os de partidos menores nem sabem o nome e o significado de suas siglas. Suspeitamos que não sejam de tais partidos. Dois dias depois, durante o apuramento distrital ficaria claro que alguns partidos tinham mais delegados que votos no distrito.

No Posto Administrativo de Lioma encontro finalmente um coordenador da Renamo. Pergunto pelos delegados e as listas paralelas embaixo das árvores. Ri alto da minha ingenuidade. Eles não receberam as cópias dos registros eleitorais. Seus membros estão intimidados. Ao contrário do partido no poder, não conseguem oferecer nem um mata-bicho para os delegados, muito menos uma diária.

Final da tarde, chegamos na nossa última MAV, ainda preenchemos um Formulário B (Votação) e nos preparamos para observar o fechamento e a contagem (*Form C – Closing and Counting*). Os MMVs, liderados pela Presidenta da Mesa e o Secretário (ambos professores) seguem os procedimentos detalhados no manual de MMVs. Contam os boletins não utilizados, o número de eleitores que compareceram a partir das descargas no caderno eleitoral e abrem a urna presidencial para contagem. Dentro da sala não tem eletricidade, usamos lanternas de luz fraca, quase não dá para ver nada.

Já está de noite, e está quase frio. Para padrões locais certamente, deve fazer uns 20 graus. Os MMVs empilham os boletins de voto em cima da mesa, e a presidente procede a anunciar os resultados boletim por boletim. Um dos escrutinadores vai anotando os votos por partido/candidato na lousa, um outro no papel. Os delegados também estão tomando nota.

- Voto para a Renamo!

-Voto para a Renamo!

-Voto nulo!

Os votos nulos são sempre seguidos de gritaria. O critério utilizado é no mínimo peculiar. Se a marca de tinta deixada pelo polegar ultrapassar a linha da coluna, para



cima ou para baixo, o voto é considerado inválido. Tem muitos eleitores, que em vez de marcarem no espaço vazio da coluna ao lado preferem marcar no rosto do candidato. Já as linhas são mais inspecionadas quando o voto não é para a Frelimo. Os delegados da Renamo e do MDM não se conformam e gritam toda vez que um voto é invalidado. Nós só podemos observar e perguntar, sem interferir. Junto coragem, e no próximo boletim com tinta ultrapassando as linhas pergunto pela intenção do eleitor. A indireta funciona, e concordam em considerar estes votos como válidos dali em diante.

- *O próximo que gritar será expulso pelo agente da PRM* (Polícia da República de Moçambique)– avisa a presidente de mesa.

Fazemos uma pausa para ir à casa de banho. A presidenta volta envolta em mais uma camada de capulanas. *Tá a fazer frio* – brinca. Na volta o número dos votos inválidos não diminui. Agora há muitos boletins com mais de uma marca. Um para Simango (MDM) e outro para Dhlakama (Renamo). Começo prestar mais atenção. Quando são votos válidos a presidenta sempre os mostra segurando o boletim com a mão esquerda, já os nulos são erguidos com as duas mãos, observa atentamente e anuncia: Voto nulo! Duas marcas.

Saio para fumar um palmar (na verdade chama-se de Pall Mall, mas a referência ainda é pelo nome antigo), na volta tento me posicionar melhor, finjo dor nas costas para ficar em pé e com uma visão melhor da mesa. Fico em choque: a mão direita da presidenta está muito manchada de tinta. Nas dobras da capulana em volta da cintura a luz bate na esquina metálica de uma caixinha com a almofada de tinta. Era por isso que ela tanto ajustava a capulana! Tento disfarçar, mas ela percebe o meu olhar espantado na penumbra. Fazemos outra pausa para tomar água e ir à casa de banho. Na volta desaparecem por completo os votos inválidos, agora só tem brancos, Frelimo e Renamo, e às vezes MDM.

Terminamos de contar os boletins presidenciais, ainda faltam os da Assembleia Nacional e os da Assembleia Provincial. Para a eleição presidencial terminamos com uma taxa de participação de quase 50%, bem maior que a média provincial (33.8%) e nacional (44%). De 502 votos, 81 foram nulos e 77 em branco. Dhlakama, candidato da



Renamo termina com 268 votos, e Guebuza com 67. Dou uma volta nas outras mesas do centro, os nulos são bem menores (por volta dos 20). Reporto por telefone aos LTOs em Quelimane, perguntam se temos notícias de irregularidades sistêmicas. Não sei a resposta, só vimos a contagem em uma MAV, acho que são apenas indícios.

Terminamos de contar os votos para as legislativas (nacional e provincial) por volta das três da madrugada. Deveria ter prestado mais atenção nas rodas de *small talk* durante os *briefings*, e ter comprado pelo menos um Red Bull no Shoprite de Quelimane.

No dia seguinte acordamos cedo para ir à STAE distrital. Os sul-africanos também estão de pé, vão fazer trilha e escalar o Namuli o segundo pico mais alto de Moçambique. *E então? Ganharam os comunistas?* -pergunta o português rindo. *Não sei, ainda está nos apuramentos distritais.*

No prédio da STAE uma enorme bagunça. As urnas, editais e o restante do material eleitoral ainda estão chegando com MMVs absolutamente exaustos, levam mais de 24 horas sem dormir. Ainda não começaram a processar os editais de resultados. Damos uma volta nas escolas da cidade, para tirar fotografias dos editais fixados nas portas das Mesas de Assembleia de Voto. O padrão é semelhante em todas as partes. Mais votos para a Renamo, e taxas baixíssimas de participação. Em muitas escolas já arrancaram os editais com os resultados.

Regressamos ao STAE, o material continua chegando, mas o apuramento distrital (processamento dos editais mesa por mesa) ainda não começou. Observamos a entrega do material. Os presidentes de mesa entregam os 3 editais (presidencial, legislativa e assembleia provincial) para um funcionário da STAE. A urna com os boletins colocados em envelopes vai para o armazém. O material chega intacto, só o espaço que é pequeno e a multidão é grande. O diretor da STAE sai para cumprimentar-nos. *É importante que vocês estejam na nossa festa da democracia. Sejam bem-vindos.*

Voltamos novamente depois do almoço, no STAE passam a processar os editais presidenciais. Um funcionário lê os resultados em voz alta, um outro sentado atrás do computador insere os números num excel. Não podemos observar a entrada de dados.



Tento anotar resultados mesa por mesa. Em algumas chama a atenção a diferença e padrões muito diferentes para as 3 eleições. Outras mesas chegam com índices muito altos de participação. Quando pergunto pelas inconsistências sou informado que não podemos interferir no processo. Aqui, nem perguntas, para não interromper o processo.

No apuramento distrital não há delegados dos partidos. Saio para fumar, encontro o delegado distrital do MDM. Não puderam entrar no apuramento “por ordens superiores” (da CNE). Também sou informado que tentaram junto com o delegado da Renamo apresentar algumas reclamações no CNE. Todas relacionadas com mesas de onde seus delegados foram expulsos, ou observaram irregularidades. A CNE não recebeu as reclamações alegando falta de impugnação prévia, ou seja, se não houver protesto dos delegados na Mesa de Assembleia de Voto registrado na ata de operações não será mais possível reclamar irregularidades nos níveis superiores. Registro tudo na seção observações do *Form D – Tabulation*. Quando tento voltar à sala de apuramento somos informados pelo diretor distrital um pouco constrangido que não podemos ficar. “Ordens superiores”. *E a festa da democracia?* – penso sem falar.

30 de outubro – Volta a Maputo, debriefings

Iniciamos o regresso, primeiro a Quelimane, onde fazemos um *debriefing* regional no dia seguinte. Pebane e Alto-Molocué puderam permanecer no apuramento distrital mesmo que tenha sido por um dia só. Aparentemente as ordens superiores não chegam por igual para os distritos. O colega de Milange foi expulso da administração distrital quando perguntou ao administrador se a Frelimo planejava mudar a constituição e terminar com o limite de 2 mandatos presidenciais. Em Maputo mais sessões de *debriefing*, um por cada área temática: administração eleitoral (votação, contagem e apuramento), partidos políticos e campanha eleitoral, meios de comunicação, sociedade civil. Só as equipes da Zambézia, Nampula e Sofala vimos mesas onde a oposição teve votação expressiva. As equipes das outras províncias relatavam hegemonia total da Frelimo. Nas sessões de *debriefing* muitos relatos de irregularidades, ou processos pouco transparentes e confusos. A posição da equipe



central parece ressaltar o fato das eleições terem decorrido sem incidentes graves e más práticas sistêmicas. *A very well-managed election day and a constructive campaign with, however, a process featuring transparency shortcomings and a degree of constraint with regard to political activity and voter choice at a local level.*⁹ É o título do relatório preliminar. Estou confuso, não reflete o que observei. Lembro que fomos apenas preenchedores de formulários, STOs. Nem eu tenho muita certeza do que acabei de observar, nem parâmetros para comparar com outros processos.

Ainda passamos por sessões de avaliação individual, recebo bom ou muito bom em todos os quesitos. Ressaltam as observações precisas na seção de comentários dos formulários e o bom domínio da língua portuguesa. Levo uma bronca informal por parte da segurança: esqueci várias vezes de mandar as mensagens de fim de dia: *safe at base*.

20 de Setembro, 2014 – Regresso a Moçambique

Cá estamos de novo, anoto na primeira página do caderno de 2014. Será que agora consigo finalmente ter uma ideia do que acontece em Moçambique?

Depois das eleições de 2009 consegui fazer mais uma missão como STO no Equador, e depois fui convidado para participar de uma formação para LTOs. E mais, tive a oportunidade de observar várias eleições como observador *long-term*. Fiz Etiópia, Uganda, Timor-Leste, Paquistão, Nepal, Nigéria e Guiné-Bissau. Não sou mais preenchedor de formulários, agora nem os *briefings* longos incomodam tanto. Aprendi a fugir das rodas de *small talk*, e tenho várias histórias para contar quando tal fuga é impossível ou nas rodas de socialização entre observadores e outros cooperantes que circulam pelo Sul Global.

Geralmente, os LTOs chegam 6 semanas antes do dia eleitoral, o AoR geralmente é uma província inteira. Não é o ideal, mas o suficiente para perceber dinâmicas regionais, observar com mais detalhes os preparativos eleitorais, práticas e estratégias

⁹ Todos os relatórios das missões de observação eleitoral da União Europeia estão disponíveis na página: <http://database.eueom.eu>



políticas, e o mais importante, a campanha eleitoral. Também temos liberdade de escolher e organizar reuniões com nossos interlocutores.

Cobrirei a província de Nampula com minha colega Frida, socióloga austríaca. Está preocupada, pois cobrir 23 distritos parece uma tarefa enorme. Tento tranquilizá-la, vamos com o método antropológico: ouvir atentamente nossos interlocutores das mais diversas áreas, e decidir a partir dali quais distritos priorizar. Internamente torço para que Eráti seja relevante, assim poderei conhecer o lugar onde Geffray fez a sua pesquisa sobre a guerra e sobre relações de parentesco macúa.¹⁰

Passamos pelos dias de briefings, consigo fugir de todas as rodas de *small talk*. Com a cooperação Sul-Sul em pleno vapor tenho vários amigos e conhecidos em Maputo. Talvez o intercâmbio acadêmico seja o único aspecto realmente horizontal nesse eixo imaginado do “Sul Global”. Não gosto do termo, como alguém do leste europeu sinto-me excluído, tanto do Sul como do Norte. Maputo ajuda-me a lembrar do antigo segundo mundo, na Hungria a democracia vai mal. Orbán finalizara o assalto às instituições democráticas, tem maioria absoluta, muda a constituição a cada mês conforme a conveniência do momento.

Ao contrário da comunidade internacional, e da nossa própria missão,¹¹ os de Maputo estavam pessimistas. Compartilham rumores horripilantes. “Ouvi dizer que a Renamo está se armando”. “Dizem que a guerra vai voltar.” Penso como Maputo está no cantinho mais ao sul, distante do resto do país. Mas também levo a sério. É relevante. Pode ser que seja estratégia frelimista, mas também expressa angústias reais.

¹⁰ Christian Geffray, *A Causa Das Armas: Antropologia Da Guerra Contemporânea Em Moçambique*, vol. 20 (Edições Afrontamento, 1991). e Christian Geffray, *Nem pai nem mãe: crítica do parentesco : o caso macua* (Ndjira, 2000).

¹¹ Os resultados eleitorais de 2009 foram os piores da Renamo em todo o período multipartidarista de Moçambique. As relações entre a Frelimo e a Renamo deterioraram-se rapidamente. Em 2012 uma facção de antigos combatentes da Renamo voltaria à região de Gorongosa, e ameaçavam de reiniciar o conflito armado. Em 2012 o próprio líder da Renamo estabeleceu-se em Gorongosa. Houve vários ataques na região, com vítimas entre as forças de segurança e a população civil. Em outubro de 2013 as forças do estado tomaram a base da Renamo. A seguir a Renamo anunciou o fim dos Acordos de Paz de 1992, exigindo mudanças na legislação eleitoral, na composição dos órgãos eleitorais e na redistribuição da renda extrativista previstos pelas descobertas de novos campos de gás no Nyassa e de carvão no Tete. Finalmente, pouco antes das novas eleições, 5 de Setembro de 2014 o Governo Moçambicano e a Renamo assinaram um novo Acordo de Paz e Reconciliação, que incluía uma nova lei de amnistia, um cessar-fogo e reintegração dos homens armados da RENAMO nas forças armadas e polícia.



No café da manhã está o sueco anticomunista. Desta vez o alvo dele é uma colega grega, a culpa dela: na Grécia gastaram mal os impostos dos suecos trabalhadores e democráticos. Já aprendi a ignorar o besteiro durante as socializações. Tenho meu mapa mental dos observadores: muitos vem das ciências políticas e do direito internacional. São geralmente normativistas. Junto a eles estão os que costumam trabalhar nas grandes ONGs internacionais. Também tem uma tendência normativa de cagar regras. Tem que fazer isto ou aquilo para resolver tal coisa. A diferença entre os dois grupos está no prestígio auto-atribuído, os ongueiros tem mais experiência em lugares considerados difíceis. Os cientistas políticos medem seu valor pela proximidade a Bruxelas e aos *think tanks* mais diversos pelo mundo. Entre o pessoal das ONGs, no topo da hierarquia estão os que já trabalharam no Sudão do Sul, no Afeganistão ou na República Centro-africana. Também tem um grupo de militares aposentados. Muitos trabalharam em missões da ONU no Timor-Leste, Sudão do Sul, Kosovo ou Bósnia. Tento não gostar deles, mas geralmente não consigo. Tem uma noção bastante realista dos lugares nos quais trabalhamos, e, principalmente, tem senso de humor, por mais que às vezes um pouco ácido. E a cada missão temos sempre alguns antropólogos como eu, perdidos entre os outros grupos, percebidos como esquisitos. A meio caminho entre o academicismo hipercrítico e o mundo das nuvens habermasianas cor-de-rosa. Os colegas dos outros grupos muitas vezes nos interpelam sobre aspectos que consideram tradicionais ou exclusivamente africanos. Geralmente, nem esperam as respostas e concluem rapidamente: *“ahh, mas isso é cultural, não é?”*.

Algumas semanas mais tarde, teria uma discussão por telefone com o analista política da missão sobre os régulos e as autoridades tradicionais. O problema: incluí alguns parágrafos relacionados aos régulos no capítulo sobre partidos políticos do nosso relatório semanal.

- Mas na Nigéria você dizia que autoridades tradicionais, reis e emires eram sociedade civil. O que muda aqui?



- Na Nigéria autoridades tradicionais frequentemente pressionam o estado, os partidos políticos e empresas privadas e públicas. Isto os torna sociedade civil. Aqui não. - Até mandei o artigo de Harry West, mas não consegui desfazer a ideia de que antropólogo é sempre maluco.¹²

24 de setembro, 2014

Chegamos em Nampula, segunda maior cidade do país e capital do Norte. Ficamos espantados com os preços, subiram muito desde 2009. Por sorte, nosso condutor é esperto e conhece muito bem a cidade. Com a ajuda dele conseguimos alugar um apartamento a preço razoável atrás do Hotel Milênio, que tem preços exorbitantes. O senhor Mudasir, nosso condutor parece extremamente politizado. Tem uma perna de madeira, ferimentos da guerra, e passou longos anos trabalhando em vários ministérios em Maputo. Diz que chegou a ser adido militar adjunto nas embaixadas de Cuba e África do Sul. Voltou para a cidade natal só depois de aposentado. Com Frida ficamos um pouco paranoicos, e concordamos em evitar conversas sensíveis no carro. Sobre tudo aqueles que envolvem interlocutores independentes ou de oposição.

Mergulhamos no trabalho, tem muita coisa para fazer e a província é realmente gigante para apenas uma dupla. Por experiência, intentamos estabelecer contato com a direção provincial da Frelimo. Se tivermos sorte, ainda não tem “ordens superiores” para como lidarem conosco. Na sede distrital não encontramos ninguém autorizado a receber observadores, mas temos sorte, muito sorte no Palácio do Governo. Chegamos quase de imediato no chefe de gabinete da Governadora, e somos cordialmente recebidos para a “festa da democracia”. Pedimos ajuda para contactar as equipes de campanha e direção provincial. Recebemos de imediato números de telefone, o chefe vai também avisá-los para que sejamos recebidos.

Seguimos a rotina de LTOs, nos apresentamos aos órgãos de gestão eleitoral, (CNE e STAE Província) e também somos bem recebidos. Ambos os órgãos fornecem de imediato os contatos das delegações distritais, compartilham o calendário de

¹² Harry G. West, ‘From Socialist Chiefs to Postsocialist Cadres: Neotraditional Authority in Neoliberal Mozambique’, in *Enduring Socialism: Explorations of Revolution and Transformation, Restoration and Continuation*, ed. Harry G. West and Parvathi Raman (Berghahn Books, 2008), 29–43.



atividades, seleção e escolha dos MMVs, sessões planejadas de capacitação. Datas para a recepção do material eleitoral, etc. Com leve otimismo registramos uma melhora na composição dos órgãos de gestão eleitoral. Após a reforma recente membros dos partidos de oposição com representação parlamentar (Renamo e MDM) foram incluídos nas comissões eleitorais (CNE) e secretariados técnicos de administração eleitoral (STAE) em todos os níveis – nacional, provincial e distrital. Vamos ver o que dizem os partidos.

Também contactamos o novo prefeito de Nampula, eleito em 2013. Com o boicote da Renamo, recolhido e ameaçado em Gorongosa, o MDM conseguiu eleger o prefeito da cidade graças aos votos dos simpatizantes da Renamo. O prefeito Mahamudo Amurane, nos recebe todo sorridente, ao ouvir meu sotaque dispara de imediato:

- *O que acharam da cidade? Está limpinha e bonita ou ainda parece a África?*¹³

Capto a referência de imediato e consigo retrucar:

- *Haha, só falta um Rolls Royce para desfilar.*

- *As coisas não estão bem. Mas já não é o Gabão. Ou ainda não é?*¹⁴

A situação parece complicada para o MDM. Com a volta da Renamo à cena política, o MDM e Amurane precisam demonstrar uma boa gestão da cidade para manter os votantes da Renamo. Sabem que para a eleição presidencial isto é impossível, a popularidade de Dhlakama é incontestável em terras macuas. O MDM vai apostar nas eleições legislativas e da Assembleia Provincial.

A cidade está fervilhando, muitas pessoas falam abertamente de política. É a primeira vez que a Frelimo tem um candidato do Norte. Porém, o aspecto étnico complica as coisas dado que as relações entre macuas (maioria na província de Nampula) e os makonde (maioria em Cabo Delgado) não são as melhores. Votariam macuas simpatizantes da Frelimo num candidato makonde? Os makonde historicamente tem

¹³ A referência é ao discurso do presidente Lula proferido em Windhoek em 2003. "Estou muito surpreso, porque quem chega a Windhoek não parece que está num país africano. Acho que poucas cidades do mundo são tão limpas e bonitas arquitetonicamente quanto esta cidade." Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0811200302.htm>

¹⁴ Referência ao desfile do presidente Lula ao lado do ditador de Gabão, Omar Bongo em 2004.



apoiado a Frelimo, porém muitos se sentem negligenciados pelo Estado, onde tradicionalmente representantes do sul ocupam os cargos mais importantes.

Para complicar mais as coisas, o candidato da Frelimo ainda é lembrado na cidade da época que era diretor dos Caminhos de Ferro de Moçambique-Norte entre 1995 e 2007. A CFM além de dona do principal time de futebol da cidade, era até o fim dos anos 90 um dos principais empregadores da região. O candidato Nyusi foi responsável pela “racionalização” e privatização da CFM. A Frelimo tenta apresentar a privatização como um sucesso econômico, mas para muitos trabalhadores da região significou anos de desemprego.

Os rumores e fofocas sobre Nyusi em Nampula são impressionantes. Ouvimos falar das jogatinas, bebedeiras, amantes, e números de filhos que teria tido pela cidade. Este último aumenta a cada semana. No restaurante Sporting alguém estima 40 filhos por Nampula capital.

Os três partidos estão fazendo campanha a todo vapor. Visibilidade só a Frelimo, diariamente distribuem milhares de capulanas, camisolas e chapéus (bonés) com símbolos do partido e seu candidato. Nem a Renamo, nem o MDM tem capulanas ou camisetas. Os cartazes escassos, são rapidamente destruídos. Mesmo assim ninguém antecipa o resultado. Pelo menos aqui na província parece tudo em aberto. Isto deveria ser bom, mas em Nampula parece gerar angústia e apreensão. A Frelimo tenta inverter a impopularidade do seu candidato na cidade, as estruturas parecem funcionar bem nos distritos do interior, principalmente em Ribau e Malema. A Renamo prepara um comício grande de Dhlakama em Nampula e concentra seus esforços nos seus bastiões na costa, Angoche e Ilha de Moçambique de onde chegam notícias preocupantes. Escaramuças (adoro essa palavra, significa brigas, enfrentamentos) recorrentes entre simpatizantes da Renamo e a Frelimo, ou entre a Renamo e a polícia. O MDM foca na juventude urbana mais educada.

04 de Outubro

[Terminamos mais um relatório semanal. Estamos exaustos. Aproveito a tarde livre para ir ao Museu Etnográfico de Nampula. O museu está um pouco descuidado, mas a coleção é



incrível. Tenho meu primeiro flashback socialista da Hungria dos anos 80. Não foi o material exposto, mas o guarda das salas que me fez lembrar dos anos de pioneiro (continuador da revolução, como o chamam por aqui). Os guardas de salas de museu húngaros eram guardiões solenes da moralidade socialista. Só o bedel da escola e o zelador da cohab onde morávamos conseguiam ser piores.

Tentando tirar fotos consegui irritar o homem que guardava a exposição, senti-me um verdadeiro invasor, ferindo os objetos expostos. A coisa só piorou, quando indagando sobre os cachimbos perguntei se os macua fumavam suruma (maconha) ou tabaco. O guarda apertava e apertava cada vez mais nervoso a sua sacolinha com material de campanha da Frelimo - um cartaz do partido e uma capulana com a foto do candidato. Segundo ele, fumava-se suruma nos tempos da colônia, para aguentar o trabalho, é coisa ultrapassada, hoje em dia só os marginais e bandidos fumam. “Para fazer confusão. Coiso. Escaramuças.”

Pronto, pergunta errada. Mas no final a vitrine com estatuinhas fálicas “vibradores tradicionais” e uma piadinha sexista sobre sexualidade macua salvaram a visita. O guarda morre de rir, até a sacolinha plástica da Frelimo caiu no chão e no final sai discretamente para que possa fazer algumas fotos contrariando as regras do museu.]

Quando não estamos nos distritos almoçamos no restaurante Sporting. A comida é boa, e o PF é rapidamente servido. Algo muito bom para quem sempre está na correria, observando as campanhas de porta em porta, os preparativos eleitorais. Agora já sabem que apenas meu sotaque é brasileiro, mas eu mesmo sou da Hungria. Às vezes consigo ir de noite para ver um pouco de futebol e esquecer das eleições. Durante o futebol o único momento de tensão é quando chegam os verdadeiros brasileiros. Moram perto, num condomínio chique, o único na cidade que tem cerca elétrica. Quando chegam, Fernando o garçom alerta todos os regulares: cuidado! Lá vem os Flamengos, os Corinthians. Quando pergunto pelos apelidos desabafa: sempre tentam convencer os moçambicanos para que torçamos para o Flamengo ou para o Corinthians. Mas aqui é Sporting! Ou Benfica! E torcemos para a seleção portuguesa e os mambas, claro!



A maioria dos brasileiros trabalha em projetos e investimentos (sul-sul): representam empresas que algum tempo mais tarde estariam nas manchetes de todos os jornais do Brasil. A Odebrecht construindo o aeroporto internacional de Nacala, tem um projeto financiado pelo BNDES de corredor agrícola que iria de Nacala até Moatize, onde a Vale está em Tete planejando a exploração da maior reserva de carvão. As vezes vem colegas de outras províncias, Andrade Gutierrez construindo estradas em Cabo Delgado e Camargo Correia uma hidrelétrica em Tete também.

Quando chegam geralmente pedem guardanapos e limpam cuidadosamente as bordas dos copos. Afinal de contas parece que Nampula não é tão limpinha quanto Windhoek.

Numa das noites aparecem com uma visita mais importante, um diretor talvez, não sei de qual das empresas. Está de terno e toma whisky. Alguém comenta com ele o que eu faço. Fica elétrico e se senta na minha mesa sem pedir licença.

- *Você que é o observador eleitoral? Nossa, que legal! Acha que pode haver uma mudança de governo?*

- *Não sei, na verdade estamos acompanhando os procedimentos, não posso prever os resultados.*

- *Putá que pariu, seria péssimo. Não tenho outros 10 milhões para propina.*

O Porto marca um gol contra o Braga, me salvando do resto da conversa desagradável e do bafo de whisky. No caminho de casa me arrependo de não ter perguntado pelos 10 milhões. Serão reais? Meticais? Dólares?

Finalmente conseguimos programar a nossa ida à costa. Passamos 5 dias entre Nacala, Ilha de Moçambique, Angoche e Moma. A situação está muito tensa, o mesmo relato em todas as partes. A PRM junto com simpatizantes da Frelimo impede e obstrui as caravanas e campanha porta a porta da Renamo. Há vários jovens em custódia policial. As juventudes da Renamo juram defender o voto. Reportamos grande probabilidade de violência pós-eleitoral.

Em Angoche assistimos um minicomício da Renamo (sem Dhlakama). A uma certa altura um caminhão com jovens vestindo chapéus da Frelimo bloqueiam o caminho da caravana. Os jovens ficam revoltados, começam jogar pedras. Aparece a PRM e a FIR



(forças de intervenção rápida). Jogam gás lacrimogêneo. Do outro lado aparece um simpatizante da Renamo carregando uma espingarda. Estamos presos entre duas frentes. Conseguimos sair em 5 minutos, e mandar um *incident report* com observação direta.



Foto 2: Angoche comício da Renamo. Foto do autor.

Pouco a pouco também reavaliamos nossa impressão inicial dos órgãos de gestão eleitoral. Nas comissões e secretariados eleitorais distritais a Frelimo continua a dominar as tomadas de decisões. Quando falam do partido no poder, usam sempre o “nós”, quando falam dos delegados da oposição o termo é “eles”, ou “os outros”. O principal conflito envolve a seleção de MMVs. Cada MAV (mesa) deveria ter 7 membros, 4 selecionados via concurso público (presidente de mesa, vice, secretário e 1º escrutinador) e 3 escrutinadores de cada um dos partidos (Frelimo, MDM e Renamo). MDM e Renamo reclamam que seus delegados são sistematicamente excluídos do processo de seleção e da tomada de decisões. A sociedade civil também confirma falta de transparência do concurso público. Os observadores nacionais do



Observatório Eleitoral que conhecem o terreno muito melhor que nós, avaliam que os 4 selecionados de cada mesa serão todos membros do partido no poder. Além do mais, os próprios observadores estão com dificuldade de credenciamento. Dos 37 observadores, nenhum foi acreditado.

Em um dos distritos conseguimos encontrar os delegados do MDM e da Renamo da comissão eleitoral. O que parecia bom nas mesas de negociação, na prática não funciona. As comissões eleitorais provinciais e distritais agora tem 15 membros: três da FRELIMO, dois da RENAMO, um do MDM e nove representantes das organizações da sociedade civil. O problema é que estes últimos não são realmente independentes, e vem de organizações próximas ao partido do governo. Assim, a os membros da oposição ficam numa posição absolutamente miserável, em seus partidos são constantemente acusados de terem-se vendido, e nas sessões das comissões acabam não discordando de nada, pois o voto sempre seria de 12 x 3.

Regressamos a Nampula, a Renamo já anunciou seu grande comício final no Estádio. Receberemos a visita da Observadora Chefe, uma eurodeputada holandesa. Tentamos marcar uma reunião entre a *Chief Observer* e a Governadora. O chefe de gabinete acha difícil. Estão sem tempo. O prefeito, claro, disposto. Marcamos a hora da reunião. Ainda planejamos uma mesa redonda com várias organizações da sociedade civil, e uma visita aos órgãos eleitoral. Se tudo der certo, também poderá observar o showmício da Renamo no estádio. Dez minutos depois da ligação com o prefeito, liga o chefe de gabinete da Governadora. No final encontraram um tempinho para a reunião, justamente no mesmo dia e na mesma hora que marcamos om o prefeito. Confirmamos e ligamos para Amurane para pedir desculpas e remarcar outro horário. O prefeito ri, “parece que até as paredes tem ouvidos”, marcamos uma outra hora.

A visita decorre bem, a observadora chefe chega bem-preparada. Vejo na sua pasta nossos 3 relatórios semanais, cheios de sublinhados, comentários e perguntas. Bem melhor que em outras missões. Infelizmente não fala português, mas seria igualmente ruim se fosse de Portugal. Faz uma piada infeliz na mesa redonda com a sociedade civil realmente existente.



Levamos ela ao estádio para observar o comício de Dhlakama, há mais de 10mil pessoas e muita, mas muita polícia. Por precaução, uma vez dentro do estádio ligo para o chefe de gabinete para avisar que a eurodeputada está a observar o comício. Não atende. Ligo para o comandante provincial da PRM, conseguimos falar. As autoridades estão avisadas. Na nossa volta vejo 3 pessoas a paisana, mas com fones de ouvido sussurrando nos microfones. Confirmo – dizem. Toca meu celular, é o chefe de gabinete. Também quer confirmar se a chefe está dentro do estádio.

Aparece Dhlakama no palco, o estádio vem pra baixo, está todo o campo e as arquibancadas lotadas. Sabemos que há grupos que caminharam por um dia, alguns até dois para verem o líder da Renamo.



Foto 3. Rumo ao comício da Renamo. Foto do autor.

Ainda por precaução, saímos um pouco antes do fim. Já em casa vejo no noticiário como a PRM jogou gás lacrimogêneo dentro do Estádio, gerando pânico. Há vários feridos.



Dias depois, já sem a chefe que voltou para Maputo, observamos o showmício de fechamento de campanha de Nyusi. Está muito cheio também, porém a dinâmica é muito diferente. A maioria das pessoas chega transportada, e todos tem visibilidade do partido. A maioria veste camisolas da Frelimo, as mulheres de capulana com a foto de Nyusi bem na bunda. Está tendo um jogo de futebol da seleção, os homens estão visivelmente decepcionados. O palco é bem mais profissional, tocam grupos musicais famosos. As músicas são bem recebidas, mas quando o animador tenta animar o público fica um silencio atroz. Quando chega o candidato, continua o silencio. Alguns até bocejam. Penso em James Scott e o bocejo enquanto resistência. O discurso é curto, o candidato promete desenvolvimento para o Norte, fala do seu amor por Nampula. Algumas pessoas riem disfarçadamente, devem estar pensando no número de filhos do candidato.

Dia 14 de outubro chegam os nossos STOs, temos 5 duplas para a província. Uma em Angoche, uma em Mossuril, uma na Ilha de Moçambique, outra em Nacala e a última dupla em Ribaué. Lembrando do meu sofrimento durante os *briefings* 5 anos atrás tento ser o mais breve possível a vamos todos jantar no Sporting onde conversamos informalmente sobre Moçambique, eleições.

O processo de votação passa sem incidentes, os procedimentos são quase sempre respeitados. Visivelmente há mais participação e menos caras assustadas.

Nossos telefones começam a tocar incessantemente a partir das 5 da tarde. Há tensão por todas as partes. Nossos STOs reportam tensão na Ilha de Moçambique, em Angoche e em Nacala. Outros contatos da sociedade civil relatam o mesmo de Rapale, vários pontos de Nampula. Os colegas do EISA idem.¹⁵ Em toda parte há grandes aglomerações na frente dos centros de votação, a população “quer proteger” o voto. A confiança nos órgãos eleitorais é extremamente baixa. Na PRM ainda menor. Nos 10 dias que antecederam as eleições dezenas de jovens foram presos pela polícia. A maioria passou mais de uma semana nos calabouços, sem acesso à família, ou a advogados. E também sem acusação formal por parte do Ministério Público.

¹⁵ Electoral Institute for Sustainable Democracy in Africa



Na escola onde observamos a contagem os procedimentos são seguidos. Na frente, do lado de fora mais de 100 pessoas acompanhando. Os agentes da PRM muito nervosos. Temo o pior. Ligam os STOs de Angoche. Os membros da mesa desapareceram com todo o material eleitoral. Como assim? Encaixotaram tudo, e correram para os veículos da polícia e foram embora. Não avisaram os delegados da oposição, só o delegado da Frelimo estava com eles. Pergunto aos STOs em Angoche se se sentem seguros. Sugiro que procurem esclarecimentos no edifício da Comissão Distrital Eleitoral (CDE).

Enquanto faço mais uma rodada de chamadas, os jovens à frente da nossa MAV fazem uma pilha enorme de pneus e os incendeiam. Temos 4 agentes da PRM, estão nervosos e não intervêm. Saio para conversar com os jovens, estamos dentro olhando voto por voto. Cheiro de pneus queimando, fumaça preta. Estamos num elevado, em um dos subúrbios da cidade. Do centro ouço rajadas de tiros. Liga o colega da missão de observação eleitoral de juristas do SADC.¹⁶ Ele também ouviu os tiros, estão no centro da cidade.

Angoche de novo. Os STOs não conseguiram localizar o paradeiro da MAV que deveriam estar observando. Decidiram ir para outro centro de votação, mas ali a multidão invadiu o centro e estão destruindo o material eleitoral. Vão passar o resto da noite na CDE e tentar juntar informações dali. Falo com as outras equipes. Com a exceção dos incidentes de Angoche as contagens seguem seu curso. Há delegados de oposição em todas as mesas onde observamos, e não temos indícios de manipulação. O processo me parece melhor que em 2009, mas nas ruas segue a tensão. No nosso centro o fogo foi apagado, os jovens da Renamo seguem aglomerados do lado de fora. Na eleição presidencial os números não batem, vão recontar tudo de novo. Ficamos até as 5 de manhã, até que o último edital de resultados e ata de operações sejam preenchidos.

Nos dias seguintes passamos a observar os apuramentos distritais. Há um contraste gigante com o dia da votação, bastante bem-organizada com a exceção dos incidentes durante a contagem nas mesas. Nos centros distritais a recepção do material é caótica,

¹⁶ Southern African Development Community ou Comunidade de Desenvolvimento da África Austral



chegam atas e editais em envelopes não lacrados, há MMVs do lado de fora sentados no chão, fazendo correções, supervisionados por funcionários do STAE e sem presença de delegados. Atas e editais em cima das mesas e caixas. Alguns centros só chegam no final do dia seguinte, exaustos e sem dormir apenas largam o material na frente do edifício da STAE. Caixas e caixas, urnas, atas e editais por todas as partes sem nenhum protocolo de recepção e salvaguarda. Em nenhum dos distritos observados há presença de delegados da oposição durante a recepção do material. Eles também estão desorganizados.

Finalmente começam os apuramentos distritais. Nos distritos de Rapale, Meconta, Nacala-Velha Ilha de Moçambique e na própria cidade de Nampula, o STAE reconhece que não está em posse de todas as atas. As comissões distritais convocam os delegados da oposição para que forneçam suas cópias recebidas nas mesas. Em princípio, desde que carimbados e assinados por todos os membros da mesa são também documentos oficiais. Os apuramentos distritais seguem procedimentos muito diferentes. No nosso centro de apuramento distrital utilizam computadores e um Excel vazio. Ou seja, sem fórmulas e células protegidas. Verifico em mais de uma ocasião que é possível inserir qualquer número. Não há verificação, há linhas onde a soma de votos nulos, brancos e válidos é maior que o número de eleitores que compareceram. Há casos em que o número da soma também excede o número de eleitores registrados. Em Rapale e na Ilha o apuramento distrital é feito no papel, a mão e com calculadoras. As equipes de Nacala e Ilha de Moçambique observam casos onde o número de votos nulos é maior que os votos obtidos pelo candidato mais votado.

E-day+3

Regressam nossos STOs, estamos todos exaustos. Entre a observação dos apuramentos distritais, relatórios e o telefone tocando sem parar foi-se uma caixa inteira de Red Bull. No *debriefing* tentamos sistematizar todos os incidentes da costa. Categorizamos entre incidentes diretamente observados, relatado por mais de uma



fonte confiável (geralmente delegados da oposição e membros da sociedade civil) e aqueles não confirmados. São páginas e páginas de casos.

Nos dias seguintes continuamos pendentes dos apuramentos distritais. Alguns já finalizaram e enviaram suas atas e editais para a Comissão Provincial. Tem atas distritais que chegam sem informação essencial, concretamente sem número de votos em branco e votos nulos. A CNE e o STAE província não conseguem explicar. A Renamo rejeita os resultados, mesmo antes do fim do apuramento. Não temos mais acesso aos centros de apuramento nos distritos que ainda não finalizaram, e somos barrados dos apuramentos provinciais junto aos colegas do EISA e da União Africana.

21 de Outubro

A Comissão Provincial das Eleições anuncia os resultados mesmo sem ter recebido as atas de apuramento de 5 distritos, e mesmo tendo recebido atas incompletas ou com inconsistências numéricas de outros tantos.

A missão decide estender nossa presença no terreno. Ficam as 3 equipas que tem mais indícios de irregularidades: Sofala, Zambézia e Nampula. O resto dos colegas já está em Maputo fazendo *debriefing*. O presidente da CNE provincial fica surpreso quando aparecemos no edifício. Mas os jornais noticiaram o fim da missão de observação eleitoral. Continuamos sem acesso, tentando documentar e sistematizar a dança dos números. Alterações feitas entre as contagens nas mesas e os apuramentos distritais, e alterações entre apuramento distrital e provincial. Sem acesso às atas fica difícil. Pelo menos o relatório preliminar e o relatório final da missão refletem as nossas observações, mesmo que usando o linguajar burocrático e diplomático.

O regresso é mais tranquilo, somos apenas três equipes. Todos exaustos e horrorizados.

10 de Setembro, 2019

Mais uma vez de regresso a Moçambique. Desta vez sou destacado a observar em Gaza. No berço e bastião da Frelimo. Estou curioso, não sei o que esperar. Nos intervalos de café durante o *briefing* lembramos de 2014. De lá para cá as coisas só



parecem ter piorado. Em 2017 o prefeito de Nampula, Mahamudo Amurane foi assassinado à queima roupa na frente da sua casa.

Como sempre, somos cordialmente recebidos pelos órgãos eleitorais. Bem-vindos à festa da democracia. A cordialidade dura pouco. Nosso acesso é barrado a partir da segunda semana no terreno. Tivemos apenas 2 reuniões com a CNE e STAE provinciais. Nos distritos a comunicação também é limitada, mas pelo menos temos acesso às capacitações dos MMVs e outras coisas básicas. Os colegas do EISA estão na mesma situação.

Com a Frelimo a situação é semelhante, apenas uma reunião com a direção provincial. Formalidade apenas. Renamo e MDM são quase inexistentes na província. Tem quadros no papel, mas sem sedes, sem escritórios e atividades muito limitadas.

A vantagem de ter menos reuniões formais é que temos mais tempo para circular nos distritos, finalmente consigo ter uma ideia das *estruturas* da Frelimo, hegemônico na província onde foi fundada. Também passamos uma parte considerável do nosso tempo caçando fantasmas. É a grande controversa destas eleições. Os dados do recenseamento eleitoral resultaram em números inverossímeis. O próprio diretor do Instituto Nacional de Estatística declarou que Gaza só alcançaria o número de eleitores recenseados (acima de 18 anos) só em 2040. Pelos dados do INE, em Gaza foram recenseados 453.170 eleitores a mais do que previsto pelo censo e as projeções. Com os números novos Gaza passa a ser o quarto maior círculo eleitoral do país. Em 2014 era o segundo menor. E não se trata apenas de eleitores fantasmas, com os novos números altera-se também a distribuição da mandatos da Assembleia Nacional: Zambézia e Maputo cidade perdem 4 e 3 assentos respectivamente, Maputo província ganha 3 mandatos adicionais e Gaza ganha 8 novas cadeiras no legislativo.

Segundo a CNE, o aumento de eleitores resulta das ondas de xenofobia na África do Sul. Os ataques a estrangeiros teriam resultado no regresso de milhares de Moçambicanos. Circulando pelos povoamentos da província não há indícios dos novos recenseados. Consultamos também a polícia e o Ministério Público. A volta de tantos homens da África do Sul significaria também um aumento considerável de casos de



violência doméstica, de brigas de bar etc. Na PRM e no MP não suspeitam da razão das nossas perguntas, e podemos verificar que não há aumento nas taxas de criminalidade, nem brigas de bar, nem violência doméstica. Está tudo “normal”, como nos anos prévios.

Conseguimos falar também com a diretora provincial do INE. Visivelmente constrangido e falando muito baixo defende a metodologia e as projeções do INE. O número de eleitores recenseados não pode ser real.

Semanas mais tarde vejo o staff do INE no showmício da Frelimo. Estão todos vestidos com camisolas e bonés do partido. Antes do comício damos uma volta por algumas repartições públicas. Todas vazias. Os funcionários públicos são obrigados a comparecer no comício. Comprimento os do INE de longe, ficam constrangidos, olham para o outro lado. Tem vergonha ou não querem ser vistos connosco. Talvez um pouco dos dois. No comício o público só festeja com as músicas, os discursos são ouvidos em silêncio, “bocejo como resistência”, anoto de novo no meu caderno.



Foto 4. Showmício da Frelimo. Foto do autor



Resta saber, como e quando os fantasmas vão votar. A Frelimo não distribui as camisetas e capulanas nos comícios. O trabalho é feito na base pelas *estruturas*. São os chefes de quarteirão e chefes de povoação que organizam a distribuição. Alguns consentem em compartilhar suas atividades. Vão de casa em casa, sabem quem está descontente, suspeitam de muitos que já não gostam da Frelimo. Principalmente os jovens. Nestes casos tentam pressionar os pais com memória direta da guerra. São lembrados da dívida histórica e gratidão à Frelimo e da luta de libertação. Os jovens relatam tensão na família. A campanha é muito diferente do que vi nas outras províncias: não há promessas de desenvolvimento, melhoras, empregos, apenas história. Usam os rumores que chegam de Cabo Delgado. Referem-se aos insurgentes como bandidos armados, ou bandidos invisíveis, mais uma referência à guerra civil que sim, faz sentido em Gaza. Especialmente em áreas como Manjakaze, onde houve massacres e incursões da Renamo.

Daviz Simango, candidato presidencial do MDM chega à província para fazer campanha. A caravana é bloqueada em Manjakaze pelos “grupos de choque” da Frelimo. São jovens sem cargos formais dentro do partido, que na expectativa de uma recompensa, um emprego público, fazem o trabalho sujo. No dia seguinte o MDM chega à Xai-Xai. É uma caravana pequena, apenas dois veículos com o candidato, seu pessoal mais próximo, e um pequeno caminhão com 20 simpatizantes. São barrados na entrada do mercado. Os agentes da PRM assistem de longe, sem intervir. Em Gaza não há espaço para nada que não seja a Frelimo.

Temos duas reuniões interessantíssimas com os observadores da Sala da Paz. São todos jovens, alguns ainda secundaristas, outros recém-formados. Alguns estão na Universidade, muitos outros procurando seu lugar e seu futuro. Converso longamente com o diretor Anastácio Matavele. Temos amigos em comum em Maputo, falamos dos tempos antigos, pergunto por que saiu da Frelimo, onde chegou a ser membro do Comitê Central. Não saiu, é membro até hoje. Mas prefere a atuação na sociedade civil. Pede a nossa presença na capacitação dos jovens da Sala da Paz, é importante verem que há espaço na sociedade civil. Concorde em fazer uma breve descrição do nosso trabalho, e proferir umas palavras de camaradagem e encorajamento.



Chega o dia da capacitação, damos as boas-vindas, faço meu breve discurso. Os formadores de Maputo fazem a sessão introdutória. Fazemos uma pausa para um café. Matavele se desculpa, tem outro compromisso. O acompanho até o carro, precisamos coordenar os nossos canais de comunicação para os dias finais da campanha e a jornada eleitoral. Combinamos um almoço para dali a dois dias. Enquanto volto à sala de conferências ouço um carro passando em grande velocidade, cantando pneus. Estranho. Em seguida ouço uma rajada de tiros. Vou até o portão para ver o que pode ter acontecido. Não dá para ver nada. Volto correndo para a sala, a outra coordenadora está no telefone: Atiraram no Matavele, meu Deus, atiraram no Matavele! Ele morreu antes de chegar no hospital. Os assassinos capotaram o carro durante a fuga, 2 morreram no local, um está foragido até os dias de hoje e 2 foram condenados. Os 5 perpetradores eram todos membros da UIR (Unidade de Intervenção Rápida) da Polícia Moçambicana. O veículo usado estava registrado no nome de um vereador da Frelimo de Chibuto, absolvido no processo.

Estamos em choque! Mesmo sabendo que a lista de assassinatos políticos em Moçambique é grande (Siba-Siba, Carlos Cardoso, Gilles Cistac, Dinis Silica), nunca aconteceu tão perto de mim.

Não há mais anotações no meu caderno, não lembro como passaram os dias até a eleição, não lembro dos STOs.

...

No *e-day* e dias subsequentes acabaríamos com uma ideia bem precisa do voto fantasma. Ao longo do dia vemos o mesmo padrão nos centros de votação dos distritos. As primeiras três mesas com um fluxo razoável de eleitores, com taxas de participação subindo lentamente. Ao contrário, as últimas mesas, estão sempre vazias, sem eleitores. Em princípio a dinâmica de recenseamento explicaria tal fenômeno. Durante o período de recenseamento eleitoral os cidadãos mais ativos, por serem membros de partidos políticos ou por serem funcionários públicos, vão primeiro. Afinal são os que seguem as notícias, sabem o que está acontecendo. Também precisam mostrar para seus partidos que são cidadãos atentos e ativos. Nas listas de



recenseamento, toda vez que se alcança 350 inscritos, que é o limite máximo para uma Mesa de Assembleia de Voto, abre-se uma nova mesa para os 350 seguintes, e assim por diante. No dia eleitoral, isto explicaria a baixa participação das últimas mesas.

Instruímos as nossas equipes de STOs para darem uma volta em vários centros de votação para que registrassem as taxas de participação de todas as mesas. O exercício confirmou a nossa suspeita, no final do dia e da contagem, todas as mesas exibiam índices semelhantes de participação e abstenção. Ou seja, os fantasmas votaram.

O acesso aos apuramentos distritais foi extremamente limitado. Só conseguimos os dados completos, mesa por mesa do distrito de Limpopo. Fizemos ainda projeções do que teria acontecido sem os votos de eleitores fantasmas, retirando proporcionalmente votos de eleitores inexistentes. A Renamo teria conseguido um assento em Gaza, bastião da Frelimo!

2024, de volta a Quelimane

Mais uma vez aqui. Vou trabalhar com Paloma, minha amiga tcheca, também veterana de eleições moçambicanas. Repassamos nossas experiências de 2009, 2014, 2019. Prometemos que é a nossa última vez. Já não dá mais. Esperamos o pior. Somos “afetados” à Quelimane, de onde cobriremos a Baixa Zambézia. Talvez a área mais difícil do país.

É bom regressar à Quelimane, 15 anos depois da minha primeira estada. A cidade está muito diferente. Os prédios do centro continuam deteriorados, o hotel Chuabo está fechado. Há prédios novos, principalmente os que são do Estado e não da província. A nova sede da Frelimo, bem no centro, um edifício de 7 andares. O palácio do governador, a novo prédio da Tribunal Provincial. Renovaram a velha catedral também. Mas o que mais chama a atenção são as bicicletas! Milhares por toda parte. Quelimane é a primeira cidade africana com ciclovias dedicadas. Aqui todos andam de bicicleta. Obra do prefeito da cidade, Manuel de Araújo da Renamo. Extremamente popular e ocupado. Viaja para conferências internacionais, encontro de prefeitos na Europa, conferência na África do Sul. Depois volta para um tour de comícios pela cidade e pelos distritos. Nem são comícios, são marchas. Começa com 20 pessoas, em



meia hora já são 5 mil dando voltas pela cidade ao som do da música Trufafa obra do MC Joel Amaral,¹⁷ as marchas agora são comandadas por um outro MC, conhecido como MC Albino ou MC Bimo.

Temos orçamento para a contratação de um assistente. (Em Gaza também havia, mas ninguém queria trabalhar para a missão, não era bom para serem vistos com “inimigos”). Apesar de ter vários candidatos já com experiência eleitoral e CVs bons, decidimos contratar Ibraimo, um jovem chuabo, inteligente e observador. Suspeitamos de imediato que Ibraimo seria, como muitos outros jovens, simpatizante do mais novo ator no cenário eleitoral, Venancio Mondlane,¹⁸ candidato do PODEMOS (Partido Otimista pelo Desenvolvimento de Moçambique). Explicamos em detalhes que deveríamos ser imparciais, sem manifestar simpatias em público. “Tudo bem, faço isso a vida toda” – responde Ibraimo.

Ao contrário das eleições anteriores somos recebidos com hostilidade aberta nos órgãos de administração eleitoral. Tratam-nos como inimigos, e não compartilham informação. Apenas o mínimo necessário, às vezes nem isso. Não fornecem contatos dos presidentes e diretores distritais dos órgãos eleitorais. Acesso aos membros delegados pela oposição nem pensar. Mais tempo para mapear os distritos.

Nos distritos, na grande maioria os membros da oposição não participam no dia a dia da supervisão (CNE) e gestão técnica eleitoral (STAE). Quando estão presentes não falam nada na presença dos diretores, parecem reféns. As decisões, sempre consensuais, já sabemos como é.

Já na nossa primeira saída de Quelimane descartamos a nossa hipótese inicial, de que o alvoroço em torno de Venâncio seria mais uma manifestação ingênua das juventudes urbanas das grandes cidades. Estamos numa comunidade de pescadores em Macanja da Costa. Quando perguntamos sobre atividades de campanha a resposta é clara: *“pois, sempre vem os do coiso um e os do coiso dois. Como chama? Os da Frenamo. Mas*

¹⁷ https://youtu.be/AycY3ei3enE?si=wgy_-Er1XgkmV8sE

¹⁸ Curiosamente, em Moçambique Venâncio era sempre referido como Engenheiro Venancio. Já no Brasil, principalmente em círculos de “esquerda” ressaltava-se sua atuação como pastor evangélico, como se a religião em geral, ou o neopentecostalismo em particular ocupasse os mesmos espaços no cenário político na África e no Brasil.



agora é Venâncio!”. Da Vila da Macanja até a costa são 30 quilômetros, fazemos o recorrido em uma hora e meia com uma Toyota 4x4. Em carro ou moto dos moçambicanos demora o dobro. Penso no tal do desenvolvimento, seja socialista, neoliberal, o que for, mas que nunca chega.

Também fica claro que o PODEMOS não tem estruturas, nem quadros locais. Os “mandatários” e quadros provinciais que encontramos não são os que organizam a campanha. São membros locais do Podemos e do CAD, brigando entre si. A campanha corre paralela aos quadros formais. É nos grupos de whatsapp, é nas conversas dos filhos com os pais e avós. O Podemos parece um partido de aluguel. Lembro como em 2019 tentaram lançar Samito Jr., o filho de Samora Machel como candidato presidencial. Venancio já esteve na Zambézia antes da nossa chegada, não se sabe se voltará. Em vários distritos nos deparamos com jovens, de 20 poucos anos que marcham com um cartaz de Mondlane. Fora isso não há visibilidade alguma de campanha (nem camisetas, nem cartazes).

Ao contrário, a Renamo na Zambézia está repleta de quadros competentes. É uma geração mais nova, visivelmente descontente com a direção nacional do partido sob o comando do candidato presidencial Ossufo Momade. A direção nacional é do grupo de Nampula. Na Zambézia, tanto Manoel de Araújo (prefeito) como Ivone Soares (deputada na Assembleia Nacional, sobrinha de Dhlakama e cunhada de Araújo) disputaram as eleições internas para serem candidatos presidenciais. Como fizera Venancio Mondlane também antes de ser desqualificado.¹⁹ Sem que ninguém verbalize, nas entrelinhas vai ficando claro: na província haverá voto cruzado na

¹⁹ Mondlane foi cabeça de lista da Renamo para as eleições autárquicas da cidade de Maputo em 2023. Depois que anunciara sua intenção de concorrer nas primárias do partido para a eleição presidencial, a RENAMO mudou os requisitos para a elegibilidade a tal cargo, passando a exigir 15 anos de militância ininterrupta. Mondlane iniciou sua carreira político-partidária no MDM em 2013, e passaria a ser membro da Renamo só em 2015. Em maio de 2024, depois de desqualificado nas eleições internas da Renamo, renuncia a seu mandato de deputado e sai da Renamo. Submete sua candidatura a presidente pelo CAD (Coligação Aliança Democrática), fundada em 2019 por Alice Mabota, ex-membro da Frelimo e fundadora da Liga Moçambicana dos Direitos Humanos. Inicialmente a CNE admitiria o registro pelo CAD (Deliberação no 59/CNE/2024), rejeitando a mesma numa deliberação posterior (82/CNE/2024). Após recurso ao Conselho Constitucional anulava-se definitivamente o registro da CAD para as eleições presidenciais por falta de requisitos legais do registro. Após a exclusão da CAD da corrida presidencial, Mondlane receberia o apoio do partido PODEMOS



oposição: Venâncio para presidente, e Renamo para as legislativas, governador e assembleia provincial. A Renamo da Zambézia parece já estar pensando em um cenário pós-Momade. O candidato percorre alguns distritos da Província (Pebane, Macanja da Costa e Nicoadala) na última semana de setembro, há multidões, mas o entusiasmo não é tão grande quando comparadas às marchas diárias de Araújo na cidade. Muitos se referem a Momade como *ma-futha* (gordo, oleoso, expressão usada no sentido de traidor). Em Quelimane registramos em torno de 3000 participantes, menos que nas marchas do partido na cidade. As marchas não são anunciadas, já viraram uma “tradição” local quando nas eleições autárquicas de 2023 a população protestava contra a fraude, marchando todas as tardes. Os mais conectados recebem a notícia via WhatsApp e espalham o ponto de partida, outros apenas vão guiados pelo som de MC Trufafa e MC Albino, ou pelos gritos de “eo..eoo”, chamada da Renamo. No hotel o staff mais jovem é antenado, já no mata-bicho avisam, “senhor Gabriel, parece que hoje vai ter marcha grande, vão pro Mercado do Lixo, depois pro centro. Concentração na sede”, ou, “ dizem-que hoje o Araújo vai marchar”. É difícil contar os participantes, estimamos 5mil em média.

Por parte da Frelimo temos apenas duas reuniões, com o chefe de gabinete do governador e o secretário provincial. Parecem muito na defensiva, algo mudou. Nem as datas, nem os locais dos showmícios são divulgados, é segredo. “Mas como os eleitores vão atender, se não sabem quando e onde?” – pergunto com ingenuidade fingida. Silêncio, vão saber.

No dia 3 de Outubro assistimos o maior showmício de Daniel Chapo em Nicoadala. Aparentemente é a primeira vez que um candidato presidencial da Frelimo não faz comício numa capital provincial. Antes da ida a Nicoadala passamos por algumas repartições públicas em Quelimane, todas vazias, os funcionários públicos foram convocados ao evento de campanha. Chegamos cedo, bem antes do começo. A vasta maioria do público chega com transporte organizado, alguns dos distritos vizinhos: Mocuba, Macanja, Namacurra. Todos uniformizados de capulana e chapéu. Alguns curiosos param para olharem de longe, da beira da estrada. Na frente do palco, sentam 30 régulos da Província. Do outro lado, um grupo de animadores profissionais. São os



únicos que respondem com entusiasmo à chamada do Mestre de Cerimônias. Algumas jovens ao meu redor comentam que são todos do Sul, vieram com o avião do candidato. A maior parte do comício é de música, algumas lideranças locais do partido tentam animar o público com chamadas e discursos brevíssimos. Quem introduz o candidato presidencial é a Ministra de Trabalho e Segurança Social, Margarida Talapa, chefe de campanha da Frelimo na província, mesmo ela sendo de Nampula. O grande ausente é o próprio governador. “Dizem que” (!) é por causa do barco.²⁰

O discurso de Chapo é curto, fala em desenvolvimento e da importância de eleger um bom motorista para o comboio. Não fica claro se o tal do comboio é Moçambique ou o governo. Registramos 7000 participantes para o nosso *Campaign Report*.

Antes de mandar mais um *Weekly Report*, compilamos nossos dados sobre recenseamento eleitoral. Em 9 distritos superaram as metas (projeções da Instituto Nacional de Estatística), no restante os registros do recenseamento ficaram abaixo da meta, por causa das chuvas.

Tabela 1 Projeções INE vs Recenseamento eleitoral STAE

Distrito	Projeção (INE)	Registrados (STAE)
Chinde	48 035	44 878
Luabo	32 033	30588,
Inhassunge	48712	47737
Quelimane	206214	226 680
Mopeia	83013	78882,
Namacurra	118600	108 925
Nicoadala	101117	127 030
Maganja da Costa	80332	119 400
Mocubela	65440	49 316
Mocuba	231893	279475,
Derre	59310	54 875
Morrumbala	203220	246 128
Pebane	113158	139 157
Mulevala	57232	49 296
Lugela	93739	87 493
Milange	326089	298 420
Gile	115579	100 518
Alto Molocue	190859	215 458

²⁰ O governado Pio Matos foi denunciado pela ONG Cidadãos de Moçambique, por nepotismo, peculato e fraude na compra de uma embarcação com fundos públicos. Cf: ‘Zambézia: ONG processa governador e filha por nepotismo – DW – 24/09/2024’, dw.com, acessado em 10 July 2025, <https://www.dw.com/pt-002/zamb%C3%A9zia-ong-processa-governador-e-filha-por-incumprimento-e-mau-uso-de-fundos/a-70304748>.



Ile	104486	111 167
Namarroi	77062	77 589
Molumbo	173718	124352
Gurue	239193	245944,
Total	2 774 034	2863308

Nota pessoal: *Durante as visitas aos STAEs distritais tenho flashbacks socialistas contínuos quando os diretores reportam um recenseamento excelente. Na Europa Oriental a melhor maneira para ascender nas hierarquias dos partidos únicos era cumprir e exceder as metas dos planos quinquenais. Se fosse milho, mandioca ou arroz todos ficaríamos felizes. Mas produzir e desproduzir eleitores? Hmmm.* No caso do STAE de Quelimane o diretor está sendo julgado por irregularidades durante as eleições autárquicas de 2023. A acusação: ter inserido 7000 eleitores fantasmas nos cadernos eleitorais.²¹

Ainda para o relatório semanal constatamos com tristeza que os colegas da plataforma Mais Integridade (plataforma da sociedade civil Moçambicana para observação eleitoral) ainda não foram credenciados como observadores. No dia 13 de Setembro havíamos testemunhado quando foram os primeiros a entregarem a documentação para o credenciamento. De lá para cá, a CNE Zambézia credenciou 6000 observadores nacionais de organizações tidas como braços do partido do Governo (CPJ - Conselho Provincial da Juventude e JCD - Juventude Para Comunidade e Desenvolvimento, aparentemente uma ONG sem escritório, nem sede na Zambézia). Faltam apenas os centos e poucos observadores do Mais Integridade.

Mais uma vez fico admirando os jovens da sociedade civil “realmente existente”. Todos com excelente formação e muito determinados. E ainda há quem diga que Moçambique não tem quadros profissionais. Lembro amargamente dos diagnósticos de uma década atrás, que diziam que as sociedades civis seriam os verdadeiros guardiões da integridade eleitoral, do *accountability* governamental, etc. Neste tempo, com a avalanche de leis de segurança nacional e por receberem fundos estrangeiros,

²¹ De acordo com o Jornal Txopela de Quelimane o julgamento do caso foi concluído no Tribunal de Primeira Instância no dia 19 de Junho de 2025. O diretor foi inocentado por não ter tido uma responsabilidade direta na elaboração dos cadernos de recenseamento. Um funcionário foi condenado a 1 ano de prisão, convertidos em multa de 36.500,00MT (3mil reais aproximadamente).



foram transformados em inimigos, mercenários de estrangeiros.²² Dias antes, uma das coordenadoras distritais havia mostrado as ameaças que recebia diariamente no Facebook, “seu tio quer manter o emprego”, “você vai querer ter emprego?”, “muito cuidado na hora de andar sozinha à noite”. E a fonte: “ahh, os de sempre”.

E-day minus 7

Última semana antes das eleições. Entrevistamos candidatos para assistentes dos nossos STOs. Felisberto, tem formação superior, mas está sem emprego fixo por “não fazer parte das estruturas”. Tem uma banca de acessórios para celular e pequenos reparos num dos mercados da cidade. Reclama dos impostos. É uma reclamação generalizada, pessoas ligadas à administração de Postos, ou ao governo provincial pedem a contribuição de empreendedores para a campanha. O risco, é ter a minha banca queimada – diz Felisberto. Situação semelhante num dos distritos onde tentamos reservar alojamento para os nossos STOs. A gerente de uma das pousadas teve que pedir um empréstimo ao banco de 300.000 meticais e ceder o hotel para reuniões. Se não o fizesse, não teria mais hóspedes. Um outro empresário além da contribuição em cash, teve que ceder dois veículos 4x4 de uma frota de 30 carros para a campanha, se não ninguém mais alugaria seus carros e caminhões.

Agora já temos contatos, conhecidos, interlocutores em todos os distritos. Os ânimos oscilam, do desespero absoluto ao entusiasmo. Com a exceção das marchas da Renamo em Quelimane, as atividades públicas de campanha são muito poucas. Nos distritos a Frelimo faz inúmeras reuniões a portas fechadas com funcionários públicos. Em Quelimane um comício mais animado no campo de futebol, com presença do governador que não discursa. Registramos 5000 participantes. O fim coincide com a última marcha de Araújo na cidade. Sem confrontos.

Muitos acreditam que agora vai ser diferente. Uma conhecida, Venancista e Renamista, absolutamente eufórica, me manda por WhatsApp o clipe do Trufafá (“E quem ganhou? A Renamo!”). Horas depois já muda o tom: “não aguento mais, estamos

²² O Mais Integridade recebeu fundos da União Europeia para a sociedade civil e da organização intergovernamental International IDEA (Institute for Democracy and Electoral Assistance)



cansados”, referia-se às notícias sobre o processo de seleção de mesários (MMVs) e a inclusão de formadores nas mesas. Respondendo a uma reclamação formal da Renamo, o STAE nacional cancela a lista de aprovados no concurso público para formadores de mesários em Quelimane.²³ Eram na sua maioria funcionários públicos e filiados ao partido Frelimo. Na véspera das eleições os mesmos nomes seriam reincluídos nas listas para MMVs e formadores de MMVs no distrito vizinho de Nicoadala.

Uma das noites vejo uma postagem nas redes de um conhecido distante no Brasil alertando sobre o perigo Bolsonarista-evangélico em Moçambique. Acho esquisito, em mais de um mês na Zambézia é a primeira vez que ouço uma referência a Mondlane como pastor. Os jovens urbanos costumam ressaltar sua trajetória política de vereador que confronta os desmandos do poder, outros interlocutores o chamam de engenheiro. Concordo que os venancistas desejam um messias, libertador, mas afinal de contas qual movimento de libertação não é messiânica? Confiro os vídeos. Realmente elogia o ex-presidente brasileiro, embora não me pareça muito convicto. Faço uma nota para pesquisar aquilo que considero um elemento comum às oposições na Europa Oriental dos anos 1970. Todos vinham da esquerda, o partido Solidariedade propondo autogestão operária nas fábricas polonesas, János Kis e seus colegas da “creche Lukács” (terceira geração da escola de Budapeste), e todos relatam portas fechadas nas tentativas de contato com grupos mais críticos da esquerda ocidental, naquela altura interessados nos sandinistas ou no Kadhafi. Já os partidos socialistas e socialdemocratas preferiam manter suas boas relações com os partidos únicos do leste, para promover reformas lentas e seguras. Não é a toa que o Solidariedade terminou nos braços da Igreja Católica ou que tenha uma estátua de Reagan em Budapeste.

²³ Resolução n.º 59/GDC/STAE/2024



Anoto também mais um breve encontro com um pastor brasileiro. Os diálogos são sempre idênticos. “Ser brasileiro abre muitas portas aqui”.²⁴ Já nem pergunto quais portas, sei muito bem. Certamente não as do céu.

9 de Outubro – E-day

Mais uma jornada eleitoral. No carro desejo uma boa festa da democracia aos meus colegas Paloma e Ibraimo. Ao longo do recorrido notamos um certo nervosismo generalizado nas mesas. Em eleições passadas, a votação sempre parecia normal e os problemas vinham depois, durante as contagens e apuramentos nos níveis superiores. Agora há MMVs que não abriram as mesas em Macanja da Costa e Gurué, estão de greve. Em Morrumbala todos os fiscais do PODEMOS são expulsos das mesas. Os órgãos eleitorais alegam que tem credenciais falsas. Nós mesmos testemunhamos a expulsão de um fiscal do partido Nova Democracia. Primeiro queria passar pelas mesas para anotar as taxas de participação, quando é impedido pede para registrar uma reclamação em ata, é expulso e ameaçado de prisão pelo agente da PRM. Como sempre, chegam milhares de rumores e indícios preocupantes dos centros de votação que deixamos atrás ou que estão fora do nosso alcance. O padrão é o mesmo, convidam fiscais da oposição para almoço, e nesse tempo alegadamente fazem “descargas” ilegais (enchimento de urnas). Em todos os centros observamos grupos de 5-6 observadores da CPJ. Nunca nas mesas, sempre do lado de fora nos centros de votação. Apesar de serem de um conselho da juventude são todos já adultos, acima de 50. Quando perguntamos para qual organização observam, alguns respondem diretamente: Frelimo. Outros olham longamente para as siglas CPJ e tentam adivinhar. A melhor resposta: Conselho Popular de Jeová. Dizem que só vão votar no final do dia. Na saída do centro uma senhora idosa se aproxima Ibraimo. Conversam em echuwabo. Ela diz que o grupo de observadores votou nas 5 mesas do centro de votação. E que dali iriam para o centro mais próximo a fazer o mesmo.²⁵

²⁴ Sobre as relações entre evangélicos brasileiros e a Frelimo ver por exemplo Livia Reis Santos, ‘Estreitando alianças, criando crentes moçambicanos’, *Revista de Antropologia* 62, no. 3 (19 December 2019): 584–609

²⁵ Em princípio observadores nacionais, pessoas desempenhando funções oficiais podem votar fora das mesas nas quais foram registradas. Claro que só uma única vez.



A contagem é uma das mais longas que já observei. Uma das nossas equipes observa uma que começaria às 19.00 do dia 9 e iria até meio-dia do dia seguinte. Em algumas mesas faltam atas e editais a serem preenchidas, outras estão simplesmente paralisadas por “ordens superiores”.

Às 10 da manhã do dia seguinte recebemos uma mensagem de desespero, fiscais da Renamo estão sendo presos numa escola da cidade. Quando conferimos, de fato, só estão os MMVs e o fiscal da Frelimo. A presidente da mesa está com a mão direita toda enfaixada. Paloma ensaia um sorriso angelical e dispara: nossa, eu também sempre corto a mão picando cebola. Dói muito, né? Do recanto do meu olho vejo o agente da PRM virando de lado para esconder o riso.

O centro de recepção de atas e urnas está um caos. Presidentes e secretários de mesa por toda a rua preenchendo atas de resultados, já sem presença de fiscais dos partidos políticos. Segurança também não há. É só para corrigir erros, passar a limpo – dizem alguns. Para outros faltou colocar o número da mesa. Observamos também muitos protocolos de operações sem o registro dos números de série dos cadernos dos boletins de voto.

O início dos apuramentos distritais corre melhor do que esperávamos. Nos distritos todas as nossas equipes estão dentro, nós também. Por quase uma hora consigo registrar resultados mesa por mesa. Tem mesas que enviaram mais de uma ata de resultados para cada uma das eleições. E resultados bem diferentes em cada uma delas. O pessoal técnico não sabe qual inserir.

Chamam os STOs de Macanja, foram expulsos do centro de apuramento. Mal desligo, entra a chamada da dupla de Morrumbala, idem. Na Zambézia somos quase todos expulsos dos centros de apuramento, menos Milange. Comunicamos com o presidente da CNE provincial. A ordem veio dele. Diz que só podemos estar presentes durante o anúncio dos resultados do apuramento, mas não na fase de “lançamento de dados”. Cita uma lei de mais de 10 anos atrás, que já não está mais em vigor. Cito o artigo 101 da lei n.º 15/2024, Parágrafo 3º: “Os observadores e a comunicação social assistem aos trabalhos de apuramento dos resultados, devendo ser notificados por escrito ou por



éditos, nos termos da lei.” Não tem jeito. Pelo menos em Quelimane os mandatários dos partidos estão dentro. É o que importa. Em Pebane o apuramento é feito a portas fechadas, nem os representantes dos partidos estão dentro. Em Gurué observadores a mandatários estão dentro, mas são proibidos de tomar notas. Observam funcionários do STAE reescrevendo atas e editais de resultados.

Como não temos acesso ao apuramento, aproveitamos para compilar as reclamações que chegaram aos tribunais e ministério público. São, talvez, as únicas instituições que nos recebem bem. Três distritos completos onde delegados do MDM, Renamo e Podemos são impedidos de observarem a contagem dos votos nas mesas (Ile, Morrumbala e Mocuba). Em Mopeia um presidente de mesa foi pego com 41 boletins de voto preenchidos. Fora isso, uma dúzia de cidadãos já condenados por destruição de material de campanha, sempre cartazes da Frelimo, salvo um caso. As sentenças: 1 a 2 meses de prisão e 6 salários-mínimos.

Enquanto isso, vão aparecendo os resultados nos distritos. São surpreendentes. É o melhor resultado para a Frelimo em toda a história de eleições multipartidárias. Na Zambézia 73% para Chapo, 14% para Mondlane e 10% dos votos para Momade. Mas o que mais chama a atenção é a disparidade entre votos das 3 eleições: de 2.8 milhões de eleitores 929 mil votaram nas eleições para governador e assembleia provincial, 956 mil votaram nas eleições presidenciais e 1 milhão 11 mil votaram para Assembleia da República. Cada eleitor deve receber três boletins de voto, não há explicação razoável.

Não temos acesso às sessões de Apuramento Provincial, que seria a soma dos resultados distritais, e decisão sobre as reclamações apresentadas. Podemos entrar rapidamente na sala principal para breves permanências de 5 minutos. Há uma outra sala, onde nem sabemos o que acontece. Processamento de atas, supostamente. Mas estas já foram processadas alhures, no nível distrital. Nem faz sentido.

Quelimane amanheceria em total silêncio no dia após o anúncio dos resultados provinciais. Não parecia uma volta à normalidade cotidiana. Minha amiga do



WhatsApp manda mensagem: assim que Venâncio ou Araújo derem as ordens, vamos marchar todos os dias, por meses se for preciso.

Enquanto fazemos as malas para regressar a Maputo rabisco no meu caderno: rere *Waiting* de Crapanzano.²⁶ Relembro as eleições de 2019 que observara em Gaza. Naquela altura, diante das inúmeras referências ao conflito em Cabo Delgado durante a campanha eleitoral, pensava que o contrato social entre o Estado (partido do governo) e a sociedade se resumia, simplesmente, à “não guerra”. Agora estou em dúvida se tal contrato ainda estaria em vigor. Outro contrato, ou proposta, claramente não há.

No voo para Maputo fazemos as apostas com Paloma. Esta foi a nossa última observação eleitoral em Moçambique. Nunca mais seremos convidados pelas autoridades moçambicanas.

Epílogo

Já de regresso ao Brasil, recebo a notícia do assassinato de Elvino Dias, assessor jurídico de Venâncio Mondlane, e de Paulo Guambe, porta-voz do partido Podemos. Foram mortos numa emboscada em pleno centro de Maputo enquanto redigiam a reclamação do partido para o contencioso eleitoral. O assassinato e o anúncio dos resultados nacionais seriam recebidos com uma onda de protestos sem precedentes na história recente de Moçambique. Inicialmente apenas reclamando por justiça eleitoral, os protestos se generalizam, viraram greves nacionais. Moçambique está à beira de uma revolta popular generalizada. A repressão aos protestos é brutal, com cenas absolutamente horripilantes. Em 2 meses de protestos, são mais de 500 jovens mortos e 4000 detidos.

Da Zambézia recebo mensagens igualmente assustadores, Postos Administrativos vazios, de onde “quadros e a PRM fugiram para o mato”. Sedes e estruturas da Frelimo

²⁶ Vincent Crapanzano, *Waiting: The Whites of South Africa* (Random House, 1985).



atacados e incendiados, rumores sobre o retorno dos Naparamas.²⁷ Recebo vídeos e posts de Tik&Tok de marchas e treinamentos com jovens empunhando catanas em Inhassunge e Morrumbala.

No Brasil, uma postagem absolutamente equivocada de uma antropóloga importante, metida a influencer de Instagram me faz desistir de acompanhar as notícias em redes brasileiras: um sem-fim de falsas equivalências e analogias fracas. Nunca sei se são cínicos ou apenas ignorantes. Nos “tempos da política” no Brasil as postagens são “em defesa da democracia”,²⁸ quando o assunto é geopolítica, ou melhor, o privilégio de poder discuti-la longe das bombas, ou no caso longe das balas da PRM, defendem-se autoritarismos sem o menor problema. Coloco o livro de Mamdani na pilha de livros para releitura.²⁹

Enquanto arranjo esta compilação de notas e memórias em Moçambique, (já um pouco mais calmo, ou apenas no tempo do *Waiting*, como diziam os interlocutores brancos de Crapanzano enquanto tomam o chazinho da tarde) celebra-se o quinquagésimo aniversário da independência. Minha amiga do WhatsApp manda as fotos das celebrações em Quelimane. Além da bandeira nacional também vejo as da Frelimo. Não sei muito bem o que responder: Que os próximos 50 sejam muito melhores! Cuidem-se muito!

²⁷ Trata-se de uma milícia popular do período final da guerra civil e que conta com características messiânicas e místicas. Sobre o Naparama no contexto da guerra civil moçambicana ver Corinna Jentsch, *Violent Resistance. Militia Formation and Civil War in Mozambique*, Cambridge University Press, 2022. Vários pesquisadores têm chamado a atenção sobre o regresso do Naparama em outros contextos de crise e violência agudas. Referências populares ao movimento Naparama durante os protestos recentes por justiça eleitoral apontam também nesta direção. Sobre o retorno dos Naparamas no conflito de Cabo Delgado ver por exemplo Zacarias M. Chambe, ‘The Ill-Fated “Return” of the Naparama: War, Spirits, and Anti-Bullet Guerrillas in Cabo Delgado, Mozambique’, in *Temporal Explorations in the Anthropology of Religion: History, Cosmology and Spirits*, ed. Ruy Blanes and Diana Espírito Santo. Bloomsbury Publishing, 2025.

²⁸ Cf. Moacir G. S. Palmeira e Beatriz M. A. M. A. Heredia, ‘Os comícios e a política de facções’, *Anuário Antropológico* 19, no. 1 (1995): 95–125.

²⁹ Mahmood Mamdani, *Citizen and Subject: Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism*, Princeton University Press, 1996.



Referências bibliográficas

- Cahen, Michel. Les bandits: un historien au Mozambique, 1994. Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2002.
- Chambe, Zacarias M. 'The Ill-Fated "Return" of the Naparama: War, Spirits, and Anti-Bullet Guerrillas in Cabo Delgado, Mozambique'. In Temporal Explorations in the Anthropology of Religion: History, Cosmology and Spirits, edited by Ruy Blanes and Diana Espírito Santo. Bloomsbury Publishing Plc, 2025.
- Crapanzano, Vincent. Waiting: The Whites of South Africa. Random House, 1985.
- Geffray, Christian. A Causa Das Armas: Antropologia Da Guerra Contemporânea Em Moçambique. Vol. 20. Edições Afrontamento, 1991.
- Geffray, Christian. Nem pai nem mãe: crítica do parentesco : o caso macua. Ndjira, 2000.
- Jentzsch, Corinna. Violent Resistance. Militia Formation and Civil War in Mozambique. Cambridge University Press, 2022.
- Mamdani, Mahmood. Citizen and Subject: Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism. Princeton Studies in Culture/Power/History. Princeton University Press, 1996.
- Palmeira, Moacir G. S., and Beatriz M. A. M. A. Heredia. 'Os comícios e a política de facções'. Anuário Antropológico 19, no. 1 (1995): 95–125.
- Santos, Livia Reis. 'Estreitando alianças, criando crentes moçambicanos. Notas sobre a cooperação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e a Frelimo na cidade de Maputo'. Revista de Antropologia 62, no. 3 (2019): 3.
- West, Harry G. 'From Socialist Chiefs to Postsocialist Cadres: Neotraditional Authority in Neoliberal Mozambique'. In Enduring Socialism: Explorations of Revolution and Transformation, Restoration and Continuation, edited by Harry G. West and Parvathi Raman. Berghahn Books, 2008.

Election diaries – Observing Elections in Mozambique, 2009–2024

Abstract: This article explores the personal and professional trajectory of an anthropologist who has participated in electoral observation missions across diverse African contexts over the past 15 years. Drawing on field experiences from Mozambican elections in Gurué (2009), Nampula (2014), Gaza (2019), and Zambézia (2024), the study examines the methodological frameworks employed in these missions and reflects on the challenges and insights gained through direct engagement with local electoral processes. By intertwining ethnographic observation with institutional analysis, the article aims to contribute to a deeper understanding the current societal crisis in Mozambique.

Keywords: Mozambique, elections, electoral observation, democracy, Frelimo, Venâncio Mondlane.

Recebido: julho/2025

Aprovado: novembro/2025.